

Millenium perspectivas

Em “Perspectivas” fala-se da vida, ou de pequenas fracções dela. De forma mais ou menos densa, mais ou menos leve, e com diferentes graus de formalidade/informalidade. Sem contornos limitadores, esta pequena secção tanto poderá constituir uma simples pausa na informação pedagógica, científica e administrativa como revelar-se fonte de reflexões complexas.

OPERAÇÃO CAPPUCCINO:

OS GALEGOS, OS CROMOS, OS SALDOS, AS VITAMINAS E OS BACOCOS! ...

*MARIA DA CONCEIÇÃO DUARTE PEREIRA**

Já vem sendo sina, de há uns anos a esta parte! É o que dá quando a palavra *avião* nos faz disparar a adrenalina! É o que dá fugir dele *como o diabo da cruz!*... É o que dá quando se recorre *ao andante de quatro rodas*... Nem sempre se vai para onde se deseja! Mas, entre ficar em casa e ir *laurear a pevide*, ou, simplesmente para o *banho de cultura* anual, mil vezes a segunda... Este ano voltámos a tripartir o périplo.

PARTE I

CORTESIAS GALEGAS E EL CORTE INGLÉS

31 de Julho, Domingo

Íamos até à Galiza por meia dúzia de dias. Assim sendo, apanhámos o comboio para Vigo no Porto, na velhinha Estação de São Bento. Logo aqui começa a primeira

* Assistente Administrativa Especialista do Instituto Superior Politécnico de Viseu.

surpresa, aquando da aquisição do bilhete, quando o solícito funcionário da *CP* nos disse que a bilheteira internacional(?) já estava encerrada(!). Assim sendo, vendeu-nos um bilhete só até Valença, e nós tínhamos que comprar o bilhete para o restante percurso já dentro do comboio. Lá seguimos viagem numa composição antiquada e pouco limpa, apesar de irmos mais ou menos bem instalados, uma vez que tínhamos comprado bilhete em primeira classe. Mas a história do bilhete ainda não tinha acabado! Afinal, não era bem como o funcionário da *CP* nos havia dito. O revisor que nos *picou* o bilhete vendeu-nos um outro, mas só até Tuy, o fim da linha nacional. Quando aí chegássemos, e só aí, o mesmo revisor iria vender-nos o bilhete para o restante percurso, ou seja, até Vigo. Feitas as contas, para chegarmos tivemos que comprar três bilhetes, num valor total de 14,20 €. Eu explico: Um *Porto-Valença*, por 11,10 €; outro *Valença-Tuy*, pela módica quantia de 0,85 €; um terceiro *Tuy-Vigo*, que nos custou 2,25 €. Isto é que é progresso e organização!... Não um, nem dois, mas três bilhetes!...

A paisagem verdejante do Minho contrastava com o ocre do restante país, a braços com a malfadada seca. Por aquelas paragens o verde era rei e senhor. Depressa nos pusemos em Viana do Castelo, pela beira-mar e observando as casinhas rasteiras junto à praia. Como apenas um casal de galegos nos fazia companhia na carruagem, íamos *como Deus com os anjos* e depressa nos vimos na Galiza. Nessa noite dormiríamos em Vigo e no dia seguinte seguiríamos para La Coruña. Chegámos antes da meia-noite e não tivemos que andar muito, uma vez que o hotel ficava nas imediações da estação da *Renfe*. Antes de dormir ainda fizemos um *midnight snack* de bolachas de *muesli* com pepitas de chocolate.

1 de Agosto, Segunda-Feira

Após o pequeno-almoço, onde não faltou o café com leite e o estaladiço pão espanhol, seguimos para La Coruña. Fomos num comboio fantástico, todo aerodinâmico. Era branco, com listas laranja por fora, e o interior também era branco. Extremamente limpo e equipado com confortáveis cadeiras forradas a azul, não tinha mais do que três carruagens acopladas. Também a estação da *Renfe* onde comprámos os bilhetes, pelo preço unitário de 11,45 €, era um espelho. Limpa, arejada e com amplas bilheteiras. À saída de Vigo, para uma viagem de cerca de três horas, observámos à nossa esquerda uma espécie de grades que emergiam do mar. Trata-se dos inúmeros viveiros de bivalves aqui existentes, de excelente qualidade e que dão a esta zona um estatuto marisqueiro de excelência.

Logo que chegámos, e depois de termos deixado as *tralhas* no hotel, no centro da cidade e de excelente qualidade, tratámos logo de ir em busca de víveres para os jantares dos dias em que iríamos ficar. É que tínhamos optado por fazer refeições ligeiras à noite. Assim sendo, comprámos queijo, salsichas, leite, maçãs, pêssegos e

bolachas. O pão seria comprado diariamente. Arrumada a mercadoria, saímos para almoçar. Num pequeno restaurante de nome *Sousantos*, comemos *pecho de pollo con roquefort* – bife de frango guarnecido com molho de queijo – acompanhado de batatas fritas. Antes, à laia de aperitivo, serviram-nos fatias de pão e grossas rodela de batatas fritas e polvilhadas com um apimentado colorau. Já mais *compostos* pelo estômago *forrado*, saímos para a primeira passeata pela cidade. O dia estava bonito e solarengo, mas corria um vento frio e desagradável. De tal forma que, a meio do périplo, houve necessidade de reforçar o calor corporal. Desta forma, numa das muitas lojas *Zara*, aproveitámos os saldos e comprámos um blusão. Ao cair da tarde, antes de jantar, saboreámos um delicioso *cappuccino* – o primeiro dos muitos que se lhe seguiriam – na cafetaria *Manhattan Plaza*, onde nos deixámos estar, calmos e pachorrentos, enquanto apreciávamos o movimento de vai e vem de nativos e turistas.

Jantámos sanduíches de pão de centeio com salsichas de frango e queijo magro fatiado e bebemos café com leite. Fomos depois caminhar ao longo do passeio marítimo da cidade. Bem, apenas numa pequena parte dele. Fomos pela *Playa de Riazor* e pela *Playa de Orzán*, mas não nos demorámos. Tínhamos visto um cartaz alusivo às festas da cidade – *Fiestas de Maria Pita*¹ – onde, para esse dia, estava agendado um concerto com *Miguel Bosé*, de que ainda assistimos a uma boa parte. E gostámos. Num amplo palco giratório que ia abrindo e fechando, pudemos ver um descontraído e animado artista, vestido com uma camisa preta de mangas arregaçadas por fora das calças, de ganga azul claro, que, pelos vistos, deveriam estar-lhe largas. É que, volta meia volta, o pobre do rapaz levava as mãos ao cós e puxava-as para cima. Também, com tanto salto, outra coisa não seria de esperar! A sensual música e os eróticos movimentos de ancas levaram ao rubro o numeroso público feminino presente. Já passava da meia-noite quando regressámos ao hotel. Antes de dormir, comemos bolachas e bebemos café com leite.

2 de Agosto, Terça-Feira

Após um frugal pequeno-almoço, composto por café com leite e variados pãezinhos estaladiços com manteiga, apanhámos o comboio para Santiago de Compostela. Pouco mais de uma hora depois já estávamos no interior da magnífica catedral², que percorremos calmamente. Espantámo-nos com a gigantesca roldana que, em dias de cerimónia, suspende o não menos ciclópico incensório que defuma o altar e

¹ Heroína local que, no século XVI, defendeu arduamente *La Coruña* dos ataques da armada inglesa comandada por Francis Drake, conseguindo, inclusive, pô-los em fuga.

² Erigida em honra de São Tiago, na cripta repousam as suas relíquias. Depois da morte de Cristo, o apóstolo vem pregar para a Galiza. De volta à Palestina, é decapitado em 44 por ordem de Herodes. Diz-se que o corpo foi trazido para a Península Ibérica e, segundo a lenda, por volta de 813, um eremita chega à sepultura encaminhado por uma chuva de estrelas – *campus stellae*, campo de estrelas – que dá origem ao nome da cidade – Compostela.

que, dizem, pesa mais de 50 quilos. Para o fazer balançar sobre o altar principal, de uma porta à outra das duas naves laterais, é necessária a força de dezasseis possantes braços. Também vimos uma fila de milhares de fiéis que ansiava por tocar a coluna que sustenta a imagem do santo e, acto contínuo, colocar as mãos nos buracos que existem atrás da cabeça, enquanto a tocam com as respectivas testas. Já cá fora, percorremos as lojas de *souvenirs* e, para descansar o corpo, sentámo-nos num pequeno café e tomámos um *cappuccino*, que veio acompanhado de dois pequenos bolinhos recheados, à semelhança das vulgares *bolas de Berlim*. Antes, durante o passeio, havíamos provado uma pequena *tarte de Santiago*, à base de amêndoa e típica da doçaria galega. Como iam sendo horas de almoço e de regresso a La Coruña, entrámos num restaurante que nos pareceu engraçado e que se assemelhava a um barco do tempo dos piratas. Cada mesa tinha ao lado uma escotilha, que simulava uma vista do fundo do mar. Afinal era uma cervejaria – *cervexaria* – de nome *Galeón Toural*. Comemos um bife de vitela com ovo e batatas fritas, que acompanhámos com água fresca.

De regresso a La Coruña, e como ainda era cedo, decidimos dar uma volta pelo passeio marítimo, agora sob a luz do sol, e fomos a pé até à *Torre de Hércules*. Para lá chegar, caminhámos um bom par de quilómetros. Fomos apreciando, sempre à nossa direita, primeiro o magnífico *Hotel Maria Pita* e depois *la Casa del Hombre* – a *Domus*. O sol, sem ser abrasador, batia-nos de chapa. Valeu-nos a leve brisa que soprava do mar e que nos tornou a caminhada *mais suave*. Quase com a língua de fora lá chegámos ao velho farol romano, o mais antigo do mundo ainda ao serviço e cuja luz brilha desde o século II. No entanto, o actual revestimento exterior data do século XVIII. Está situado sobre uma pequena elevação de terreno e mede 58 metros de altura. Antes de nos deleitarmos com a magnífica vista que se alcança do topo, ainda tivemos que *fazer das tripas coração* para subir os seus 242 degraus. Mas valeu a pena! Melhor ainda foi o caminho de volta, agora feito num eléctrico apinhado de turistas de todas as nacionalidades. Antes de recolher ao hotel para o nosso frugal jantarinho dos restos dos víveres que havíamos comprado, ainda fizemos um pequeno desvio. Fomos a uma pequena perfumaria onde, na noite anterior, havíamos visto na montra um perfume em preço de saldo. Um *eau de toilette* vaporizador *Vanderbilt*, de 100 ml, por apenas 20 €. Comemos o resto das salsichas e do queijo, que serviram de recheio ao pão comprado em Santiago de Compostela e que acompanhámos com café com leite. Fomos depois passear para a marginal, desta vez no sentido inverso da *Torre de Hércules*, até ao *Obelisco del Milenium*. Na noite anterior parecera-nos muito bonito, todo iluminado. Contudo, visto de perto é decepcionante, se não mesmo medonho. Voltámos depois para trás, pela praia de *Riazor* e metemo-nos para o interior, novamente para a *Praça Maria Pita* onde continuavam os festejos da cidade. Se ontem fora o *Miguel Bosé*, hoje era um grupo *rock*, ao som do qual inúmeras cabeças e corpos se agitavam freneticamente.

Demos uma volta pela praça e, à luz da lua, passeámos pelas arcadas dos edifícios, em cujos pisos superiores varandins de ferro e típicas galerias dão um aspecto único, muito semelhante às suas congéneres de Madrid e Salamanca. Espreitámos, de igual modo, as iguarias que as milhares de almas degustavam. Carnes e peixes, com legumes ou sem legumes, com molhos ou sem molhos. Enfim, algumas delas autênticas paletas de *Miró*. Descemos depois pela *Avenida de la Marina*, repleta de turistas e, na cafetaria *Pianeta Expresso*, saboreámos um *cappuccino* que nos foi servido com um quadradinho de chocolate amargo. Reparámos que, mesmo em frente, estava o edifício da *Autoridade Portuária*, e que as três bandeiras expostas estavam a meia haste – a espanhola, a da comunidade europeia e uma terceira que supusemos ser a da Galiza. Soubemos depois, pela televisão, que era em sinal de luto pelo falecimento do rei *Fahd* da Arábia Saudita. Já era tarde quando recolhemos ao hotel. No dia seguinte, logo pela manhã, viajaríamos para Vigo para os restantes dois dias das férias galegas.

3 de Agosto, Quarta-Feira

Seguimos viagem após o pequeno-almoço. Fomos num comboio regional e chegámos por volta do meio-dia e meia. Depois de pousar as malas, fomos em busca de mantimentos para os jantares em Vigo. Comprámos leite, queijo, atum, frutas e pão para esse dia. Só depois de tudo arrumadinho é que fomos almoçar. Escolhemos um restaurante de nome *Nuevo Derby* e, do menu do dia, escolhemos uma salada de *pasta* com atum, queijo, fiambre e *fusilis* e depois chocos grelhados com batatas cozidas. Por fim, para sobremesa, uma salada de frutas – *macedonia* – como eles dizem. Como íamos numa de saldos, dali seguimos para o *El Corte Inglés*, e por lá vagueámos um bom par de horas. Mas não nos contentámos. Dali seguimos para um outro *antro de consumismo* mesmo ao lado. À laia de retemperar forças, sentámo-nos depois numa acolhedora esplanada, com o castiço nome de *Marcelino, pan y vino*, e, servidos por um empregado de nome *Chechu*, bebemos um bem apaladado *cappuccino*, pelo qual desembolsámos 2,40 €. Já eram quase sete horas, mas as ruas ainda fervilhavam de atarefadas gentes que carregavam multicoloridos sacos. Demos mais umas voltas e, como o calor já fazia *estragos*, recolhemos às *boxes* para um retemperador banho, a que se seguiu um frugal jantarinho. Que incluiu pão com ovas de bacalhau, petisco comprado à tarde no supermercado do *El Corte Inglés*, que acompanhámos com café com leite. Para fazer a digestão passeámos ao longo da grande avenida das lojas da moda – *Stradivarius*, *Zara*, *Bershka*, *Springfiled* e outras congéneres – agora naturalmente fechadas. Fomos até à zona do porto, virada do avesso e esburacada por via das obras que aí decorriam. Depois de termos espreitado um barco de carga que por lá estava ancorado, passeámos junto às esplanadas cheias de gente que, apesar do adiantado da hora, ainda jantava calmamente saboreando os petiscos servidos. Também

nos sentámos numa esplanada, para melhor digerir o ambiente. Pedimos *coca-cola light*, que nos foi servida com um pratinho de amendoins e milho frito. Ali estivemos um bocado, e já passava da meia-noite e meia quando fomos dormir. O dia seguinte, o último na Galiza, seria para a visita da cidade de Vigo.

4 de Agosto, Quinta-Feira

Após o pequeno-almoço, saímos do hotel e descemos a avenida *Vasquez Varela* para depois apanhar a rua *Urzáiz*, rua de comércio por excelência. Há lojas para todos os gostos e bolsas – *Adolfo Dominguez*, *Sfera*, *Stradivarius*, *Benetton*, *Zara*. Continuámos rumo à *Porta do Sol* e, pela *Praça de la Princesa*, descemos até à catedral, que não pudemos ver porquanto decorria um serviço religioso. Continuando a descer, chegámos ao porto, onde existia uma concorrida galeria comercial. Nesta, atarefados clientes experimentavam em frenesim roupas de *griffe*, obviamente de contrafacção! De *Armani* a *Carolina Herrera*, tudo por lá se via. Subimos outra vez para a principal rua das lojas e, uma vez mais, comprámos perfumes *ao preço da chuva*. De tanta andança o corpo já pedia algumas tréguas. Fizemos-lhe a vontade! Sentámo-nos na esplanada de uma pequena cafetaria e pedimos uma água fresca, que nos foi trazida com uma pequena travessa com fatias de tortilha e um pratinho com azeitonas verdes. Deixámo-nos ficar mais um pouco, até serem horas de almoço. Que encontrámos quinhentos metros mais abaixo. Dos menus do dia expostos, um deles falava em *rapante*, que ficámos a saber que era um peixe semelhante ao linguado. Mas pedimos um que incluía uma salada mista, com alface, tomate, ovo, atum e espargos, a que se seguiu um bife de frango com cogumelos e molho de natas, acompanhado com batatas fritas. Para sobremesa pedimos ananás e, com o café, serviram-nos um pequeno quadrado de bolo de limão. E tudo isto por sete euros. Onde é que no nosso país se almoça por este preço, incluindo as bebidas? Nem em sonhos!... Mas ainda antes de vir o almoço, com o pão trouxeram-nos uma tigelinha de batatas fritas às rodelas fininhas. Não havia café, cafetaria ou esplanada onde pedíssemos algo de beber que não nos trouxessem, pelo menos, *uñas babatinhas*, como eles diziam. Cortesias galegas! ... Como o calor estava bravo e as lojas fechadas para a *siesta*, fomos até ao quarto. De onde saímos para o *El Corte Inglés*, para mais duas horas de coscuvilha e pechinchas. Também, com a canícula que se fazia sentir, só o potente ar condicionado do estabelecimento para nos por bem dispostos! Saímos para a rua *Urdaiz*, a tal rua das lojas e, em jeito de lanche e para voltar a fugir ao calor, entrámos num café com ar condicionado. Pedimos *cappuccino*, que como não podia deixar de ser, veio com as incontornáveis batatinhas. Mas não prestava! Era aguado e, como se isto não bastasse, vinha carregado de natas à superfície. Só de lá saímos já passava das sete da tarde. Fomos então jantar o resto dos mantimentos – pão com atum e café com leite – para

depois irmos fazer as despedidas a Vigo. Voltámos a caminhar ao longo do porto, mas desta vez para o outro lado, por entre umas esplanadas onde esfaimadas criaturas devoravam enormes travessas de marisco. Por ali tomámos um café *solo* (simples) e fomos até à zona dos *pubs* e bares. Onde não faltava o aclamado *Budha Bar*, encerrado por uma qualquer razão que não descortinámos. Quem sabe se para férias! Já passava das onze e meia quando nos sentámos para uma fresca *coca-cola light*, no *café Guanabara*. Há muito a meia-noite tinha ficado para trás quanto chegámos ao hotel. Depois da ceia de bolachas com pepitas de chocolate e café com leite fomos dormir. O dia seguinte era para *regressar à base*. Estava quase no fim a primeira etapa das férias.

5 de Agosto, Sexta-Feira

Após o pequeno-almoço fomos para a estação da *Renfe*, que não distava mais de duzentos a trezentos metros. E que comboio nos esperava, meu Deus, que demoníaca visão! Era um velho *chaço* da *CP*, azul e cinza, decrépito e enxovalhado. Mesmo ao lado, na linha três, uma moderníssima composição aguardava a hora de seguir para Vigo. Branco com listas laranjas, limpo e brilhante. Que diferença abissal! Dois países tão perto, geograficamente falando, mas tão distante em termos de desenvolvimento. Separam-nos anos-luz de *nuestros hermanos*! Enfim, se calhar cada um tem o que merece!... Somos bacos e nada temos, mas construímos os estádios do nosso descontentamento para gáudio da ululante população e de uns tantos deslumbrados boçais... O país arde enquanto alguns acumulam chorudas reformas e colossais mordomias perante a cegueira e passividade dos palonços que todos os dias *vergam a mola* e sustentam tudo isto. É, enquanto uns têm vistas largas e vêem longe, outros não passam de *quadrúpedes com palas* que, apesar de *roncarem* e vociferarem contra quem os lidera, continuam a alimentar a corja de parasitas que engorda à *pala* dos iletrados!... Enfim, bem-vindos ao terceiro mundo com ares de primeiro...

PARTE II

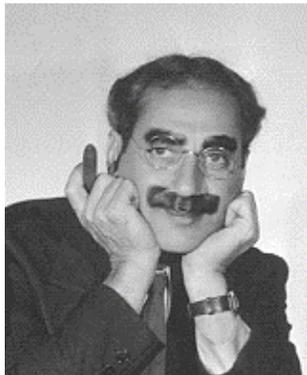
NA COMPANHIA DOS “CROMOS”

7 de Agosto, Domingo

Depois de pouco mais de vinte e quatro horas de intervalo, eis-nos de volta à estrada. Desta feita íamos para mais longe, para terras alsacianas, bávaras e para a capital da República Checa. Foi o que se arranjou! À hora marcada, melhor dizendo, com meia hora de avanço, era ver-nos plantados em frente à *Caixa Geral de Depósitos* e expostos à devassa dos olhares dos embasbacados transeuntes que, ao passar, nos

miravam de alto a baixo. Também, com os enormes malões que nos faziam companhia, sabe Deus o que lhes passava pela cabeça. Invejinhas!...

Depois de termos *mofado* bem perto de três quartos de hora, lá chegou o nosso bendito autocarro. Impecável e aparentando ser de grande categoria. Contudo, não vinha sozinho. Logo a seguir, um outro da mesma empresa se perfilava no nosso horizonte visual. Que fazer? É claro que nos dirigimos ao primeiro. Para nosso grande espanto e total desilusão, sai de lá de dentro o tal suposto guia que já por duas vezes nos havia *calhado na rifa*. Escusado será dizer que remoemos e engolimos em seco pela calada. Mas a sorte estava do nosso lado! Felizmente, o primeiro autocarro não era o nosso, uma vez que ia para a capital da Catalunha. Suspirando de alívio e passado o primeiro embate, vimos que, este ano, era uma *menina* que nos iria fazer companhia durante o circuito. Simpática e amistosa, recebeu-nos com um caloroso sorriso de boas-vindas. Vistosa, de meia-idade, impecavelmente vestida, tinha os cabelos alourados caídos pelo pescoço. Também o motorista se mostrou de extrema simpatia e cordialidade, com um sorriso cativante por trás de um farfalhado bigode quase à la *Groucho Marx*.



Aconchegadas as malas no depósito das bagagens entrámos e, à medida que nos dirigíamos para os nossos lugares, íamos *varrendo com o olhar* os companheiros de périplo. Para não variar, e à semelhança dos anos anteriores, a geriatria estava em força! No entanto, ainda conseguimos vislumbrar algum *sangue fresco*. Pouco, mas havia. Enfim, as descrições ficam para mais logo, quando *nos pusermos bem neles!*... Pela documentação que nos foi entregue pela guia, constatámos que havia uma pequena alteração ao previamente estipulado. Mas para melhor! Ao invés de irmos pernoitar a Miranda del Ebro, no primeiro dia íamos dormir à capital do país Basco – Vitoria. Vamos agora rumo à fronteira e, para que o tempo corra mais célere, percorremos o

olhar pelos vizinhos mais próximos. À esquerda, uma criatura digna do *MIS*³. Já *entradote*, calçava sapatinho de vela preto com meia cinza azulada e vestia pólo azul-escuro às risquinhas brancas e vermelhas. Para *compor*, os olhos estavam protegidos por óculos *Ray-Ban* verde-garrafa, de fazer inveja ao *Aviador* Leonardo DiCaprio. Mas não foi isso que nos prendeu a atenção. A dada altura, a referida criatura *ripa* de uma espécie de rádio com visor, artilhada com uma antena espetada, que leva junto aos olhos como que estando em busca de algo. Tinha, ainda, um auricular que leva ao ouvido esquerdo. Intrigados, mas discretos, mantivemos os *holofotes* em alerta. Mais tarde ficámos a saber que mais não era do que um vulgar rádio que servia para ouvir as emissões da *RDP Internacional*.

Prosseguindo rumo à fronteira espanhola, por volta das duas da tarde, hora local, cruzámos Ciudad Rodrigo que nos recebeu com grossos pingos de chuva. Mas a viagem foi curta. Um pouco mais adiante, em *Sancti Spiritus*, no restaurante *Arturo* já nosso conhecido, parámos para o almoço. Como entrada optámos por uma salada de alface, tomate, batata cozida, cenouras, ervilhas, *pasta* e atum. Escolhemos depois frango assado, que era acompanhado com batatas fritas. Para sobremesa, comemos uma pêra e, antes da partida, tomámos um café *solo* (simples). Quando nos aprestávamos a entrar no autocarro, fomos informados que este tinha uma pequena avaria que o motorista estava a tentar reparar. Estava explicado o forte odor a carburante que empestava o veículo. Aproveitámos este compasso de espera para continuar a apreciar os nossos companheiros. As quatro fogosas sessentonas, que, viajando juntas, aproveitaram para assediar o jovem *garçon* que lhes serviu o café. Cabeleiras bem pintadas e penteadas, trajavam roupas leves e modernas. Os corsários eram brancos e translúcidos e os topes sem mangas e deixavam à mostra os já encarquilhados ombros. Os *calcantes* estavam artilhados com *chanatas* de salto alto. Uma delas *vestia muito mal de cara*, antipática até dizer chega, e tinha aquilo que alguém já chamou de *ventas cavallares!*... Os artefactos trazidos de anteriores viagens – como uma mochila com a *Torre Eiffel* escarrapachada e a palavra *Paris* estampada em letras garrafais – ajudavam a compor os manequins. Mas perucas *fajutas* era coisa que não faltava! Para todos os gostos e cores – ruivas, loiras, platinadas, castanhas, pretas. Quanto aos machos, eram mais comedidos e tímidos. Vestiam calças compridas e pólos com casaco, o que nos deixou perplexos face ao intenso calor que sobre nós se abatia. Apesar de tudo, ainda descortinámos dois moçoilos no meio dos vetustos viajantes. De sangue na gueltra, na casa dos trinta, vestiam calção e *t'shirt*. Ainda descobrimos uma pouco simpática e algo trombuda *ganapa*, na casa dos vinte, que viajava acompanhada dos progenitores. O resto fica para mais logo, uma vez que agora já temos *luz verde* para embarcar. A tal

³ Oficialmente designado como *Serviços de Segurança*, é uma das agências do serviço secreto britânico.

avaria – uma pequena ruptura no tubo do gásóleo – tinha sido reparada em pouco menos de meia hora pelo motorista. Seguimos rumo ao País Basco e, por volta das quatro da tarde, já estávamos a passar ao largo de Salamanca, para, menos de meia hora depois, cruzarmos Tordesilhas. Aqui, a chuva volta a fazer-nos companhia. Antes das cinco e meia estávamos em Valladolid, cidade banhada pelo rio Pisuerga. E junto de um outro de peculiar nome, que, pronunciado pela nossa guia, soou-nos a qualquer coisa como *Bijuega*(?). É claro que nos rimos a bom rir com estes nomes que nos despertaram a malandrice e a brejeirice. Afinal, uma *pisuerga* digna desse nome, anda sempre no encaço de uma rechonchuda e pululante *bijuega*!...

Dez minutos depois das sete, eis que nos surge Burgos à esquerda, com as agulhas da sua magnífica catedral a rasgar os céus. Por terras de *El Cid* prosseguimos rumo a Vitoria, onde chegámos quinze minutos depois das oito. Colocadas as malas no quarto, descemos logo para jantar. Já conhecíamos o hotel, bem situado no centro da cidade. Comemos *paelha* de camarão e lulas, com o arroz ligeiramente *al dente*. Seguiu-se uma posta de pescada (*merluza*) frita e coberta com um molho de cebola e tomate. Para sobremesa, deram-nos uma fatia de bolo de massa folhada recheado e coberto com carradas de *chantilly* e regado com caramelo. Fomos depois até ao centro da cidade para, uma vez mais, apreciarmos as *Fiestas de la Virgen Blanca*. Descemos até à catedral, para depois subirmos até ao largo onde está a imagem da Virgem aconchegada no seu nicho e rodeada por dezenas de ramos de flores. Dali fomos até à *Plaza de Espanha*, que mais não é do que uma réplica das suas aparentadas de Madrid e Salamanca, com uma pequena diferença: esta pareceu-nos ser de pedra mais clara, quase branca. Das inúmeras varandas pendiam uma espécie de colchas ou retalhos de veludo vermelho ou *bordeaux*. Percorremos depois mais umas tantas ruas repletas de esplanadas, onde divertidos convivas se deliciavam com uma série de petiscos e iguarias locais, à laia de tardios jantares ou prematuras ceias. Tudo acompanhado com valentes copázios de vinho e cerveja. Continuámos a nossa peregrinação até cerca da meia-noite, hora a que regressámos ao hotel. Antes, ainda tomámos um café com natas na esplanada do *Quatro Azules*. Tínhamos pedido *cappuccino*, mas foi este sucedâneo que nos trouxeram. Não estava mau!... Fomos dormir ao raiar das duas. O dia seguinte prometia ser longo e levar-nos-ia até França, mais concretamente Tour, onde iríamos dormir.

8 de Agosto, Segunda-Feira

Seguimos viagem após a primeira refeição do dia, farta e variada em termos de opções, onde não faltava a fruta, os iogurtes, os sumos, os *croissants*, os cereais e, ainda, algumas iguarias doces como folhados de chocolate, tartes e *donuts*, simples e cobertos. Optámos pelo imperdível e crocante pão espanhol, que acompanhou o habitual café com leite. Rumo à fronteira francesa, cruzámos San Sebastian dez minutos depois

das nove da manhã. Depois de uma bela soneca, aproveitámos o tempo para voltar a *derriçar* os nossos acompanhantes. Pusemos agora o olho numa bem puxada e espampanante setentona que, apesar de bem espartilhada, deixava antever uns bem nutridos lombos. Hoje resolveu usar e abusar do rosa. O corsário rosa choque, o top rosa pálido, e até os brincos que pendiam das suas rechonchudas e anafadas orelhas eram desta romântica cor. Isto para já não falar do verniz que besuntavas as unhacas das mãos e pés. Perante este cenário quase cinematográfico, o único nome que ocorreu para a baptizar foi, naturalmente, *Barbara Cartland*⁴.



Não a autêntica, a única, a genuína, mas sim uma *de trazer por casa!*... Fixámos depois uma outra estranha criatura, a quem havíamos etiquetado de *Bat Lady* na noite anterior, quando a nós se juntou durante o jantar. E demos-lhe este nome por via dos seus inseparáveis óculos de lentes negras presas a uma armação de massa branca, que fazia questão de usar em permanência. Fosse em pleno dia, como era agora o caso, ou na mais cerrada noite como no jantar da véspera. *Rodas baixas*, de quem cresceu mais para os lados do que para cima, teria pouco mais de metro e meio de altura. Reboluda, andar trôpego e vacilante, deixava antever um couro cabeludo pouco pródigo em pilosidades, loiras como convém. Vinha com o seu mui amado e letrado esposo que, em amena cavaqueira connosco, anunciara ser detentor de um

⁴ Considerada a *Rainha do Romance*, esta prolífica autora de delicados romances publicou, ao longo da sua vida literária, para cima de setecentos livros e vendeu mais de um bilhão de exemplares.

doutoramento em qualquer coisa que se nos escapou. Também ele redondinho e com a já escassa cabeleira pespegada ao crânio com carradas de gel ou brilhantina. Mas a senhora hoje esmerara-se! Vestia um conjunto de saia e casaco verde-garrafa. Já a manhã ia a meio quando, numa das paragens técnicas para o *xixizinho*, tomámos um *café au lait non sucré*. Daqueles que uma sempre obediente máquina nos dá, se lhe colocarmos uma moeda de um euro na respectiva ranhura. Sempre em viagem, quando passámos Bordeaux, em pleno coração da *Aquitaine*, o relógio dizia-nos que tinham passado quinze minutos do meio-dia, quase hora de almoço. O estômago não podia de todo estar enganado. E não estava! Não muito longe dali, numa área de serviços denominada *Relais Bordeaux*, *trucidámos* um quadrado de pão escuro cravejado de cereais, que acompanhámos com uma tigela de salada com tomate, milho, cenoura ralada, ervilhas, quadrados de batata, feijão-verde e maionese, a que se seguiu um prato de *penne à bolonhesa*, bombardeado com fiapos de queijo ralado. Por fim bebemos um remeloso café, que mais parecia uma *água choca*. Tudo isto por 14,05 €. Enfiámos um belo barrete! E isto porque julgámos ter optado pelo que apreçoava *menu relais*, que tínhamos visto escarrapachado no *placard* dos pratos do dia e que custava 8,50 €. Afinal, não era *bem isso* que lá estava. Para já, o pão do dito menu era um *petit pain* e não o tal quadrado com cereais a que tínhamos *deitado a luva*. E também não tinha o tal café ordinário que bebemos. Enfim, também ninguém disse que a vida de turista era fácil! Nem barata. E muito menos a do remediado turista português. Mas até foi bom. É bem feita! Há que abrir bem o olho, saber ler, e, acima de tudo, decifrar bem o que está escrito. Haja saúde! De volta à estrada, seguimos na direcção de Tours onde chegámos por volta das seis da tarde.

Como o jantar estava marcado para as oito e ainda tínhamos algum tempo disponível, fomos dar uma volta pela cidade. Sem rumo certo, fomos percorrendo as artérias comerciais com as lojas ainda abertas. De repente vimo-nos perante uma grande igreja onde resolvemos entrar. Sita ao número sete da *rue Baleschoux*, mais não era do que a *Basílica de São Martinho*. Esse mesmo que invocamos ao décimo primeiro dia do mês de Novembro, e em cuja honra comemos castanhas e bebemos jeropiga ou água-pé. Também a quem podemos agradecer, por essa data, um curto verão em pleno Inverno, por via do altruísta gesto da partilha da capa com o famélico e enregelado mendigo, num claro e inequívoco gesto de amor a Deus e ao seu semelhante. Percorremos com calma o templo de alva pedra e depois descemos à cripta. Aqui se encontra o túmulo do santo e, para devoção e contemplação dos fiéis, estão expostas duas relíquias: um pedaço do crânio e um fragmento do osso de um dos braços. As paredes estão forradas de mensagens de agradecimento e fé, muitas delas provenientes de chefes militares. Já de saída, lemos uma pequena lembrança da passagem do Papa João Paulo II pela basílica, onde esteve em oração no dia 21 de Setembro de 1996. Depois da visita

fizemos o caminho inverso até ao hotel, agora em passo mais apertado visto a hora do jantar estar próxima. Graças a Deus, uma vez que o apetite começava a ser voraz. Como entrada serviram-nos uma salada, com aipo ralado, milho e um coração de alcachofra, tudo coberto com um amarelado molho de mostarda e maionese. Veio depois um *filet de poulet au sauce bearnaise*, que é como quem diz, em bom português, um bife de frango coberto com um molho acidulado, polvilhado de cebolinho e com um leve travo anisado. À sobremesa comemos uma tigela de salada de fruta *cocktail*, com pêsego, ananás, pêra, uva e rodela de cereja. Tão pomposa descrição para uma simples e instantânea salada que, para nos ser servida, bastou pegar num abre-latas e abrir a embalagem.

Estômago aconchegado e aí vamos nós à descoberta da cidade. Como primeiro *poiso* escolhemos a catedral, obviamente encerrada àquela hora. Gótica, imponente e majestosa, muito à imagem e semelhança da de Chartres, contudo não tão grandiosa. As gárgulas do topo pareceram olhar-nos de soslaio quando lhes virámos costas. Passámos pelo *Grand Théâtre*, que já havíamos visto à luz do sol e que, agora todo iluminado, nos pareceu ser maior. Fomos na direcção de umas casas de aspecto medieval que tínhamos visto ao longe à tarde e que não distavam muito da Basílica de São Martinho. Longe estávamos de imaginar o cenário de animação que nos aguardava. As casas, dispostas em quadrado, formavam uma belíssima praça de nome *Place Plumereau*, toda ela pejada de cafés e restaurantes de animadas e concorridas esplanadas para todos os gostos e paladares. Desde a *pizza* à lasanha, sem esquecer o marisco ou o *suchi*. Isto, para não falar dos gelados de cortar a respiração, de todas as cores e sabores, expostos na vitrina do *Tutti Gusti*, uma fabulosa gelataria mesmo em frente à esplanada *Les 3 Rois*. Aqui, comodamente sentados numas cadeiras de palha entrançada, saboreámos um delicioso *cappuccino*. Já passava da meia-noite quando regressámos ao hotel, calmamente e em passeio. Como não tínhamos pressa e vimos um comboio TGV na estação mesmo ao lado do hotel, resolvemos ir *deitar o olho* e apreciar as aerodinâmicas linhas e luxo do interior. As portas estavam abertas de par em par e não se via viva alma pelas redondezas. Contudo, quando ensaiámos um olhar mais atrevido para o interior, como num passe de mágica, as portas foram fechadas. Rimo-nos e não pudemos deixar de gracejar com o facto. Afinal, se calhar não tínhamos tão bom aspecto como supúnhamos. Ou então, o sofisticado trem teria mais uma componente que desconhecíamos – um alarme anti-estranhos e intrusos. Com esta nos fomos! Mas a noite não acabou sem mais uma peripécia. Chegados à porta do quarto, entreolhámo-nos e tentámos adivinhar quem tinha a chave do dito. Pelos vistos, ninguém! Tinha ficado muito bem guardadinha, dentro de uma carteira que, por sua vez, ficou fechada dentro de uma mala. Não tivemos outro remédio senão descer à recepção e solicitar ao empregado que nos abrisse a porta, uma vez que nos tínhamos esquecido da chave no

interior do quarto. E não é que o rapazito nos fez a vontade? Sem sequer nos pedir a identificação, apenas nos perguntando o número do quarto, pasme-se, abriu-nos a porta com a chave mestra e pura e simplesmente voltou-nos as costas e regressou para o seu posto de trabalho. Mais nada! Das duas, uma: ou tínhamos cara de honestos(?) ou, simplesmente, reconheceu-nos como hóspedes. Enfim, lá fomos dormir ao raiar das duas, não sem antes fazermos uma pequena ceia composta de bolachas sem colesterol, mas com pepitas de chocolate (suprema ironia) e café com leite. Agora era preciso dormir e retemperar forças para a jornada seguinte, que nos levaria até a Estrasburgo.

9 de Agosto, Terça-Feira

Depois do pequeno-almoço seguimos em direcção ao Vale do Loire quando passavam trinta minutos das sete da manhã. Menos de meia hora depois estávamos em Amboise, à frente do homónimo castelo mesmo à beira do Loire. Uma pequena paragem serviu para registarmos para a posteridade a nossa presença, tendo como pano de fundo a imponente edificação. E ala que se faz tarde! Três horas depois estávamos a sorver mais um daqueles deslavados cafés que tudo quanto é maquina de área de serviço disponibiliza, a troco de uma moeda de euro. Mas são umas geringonças inteligentes pois, além de café, chá, *cappuccino*, cacau quente, com ou sem açúcar, ainda “dão”, imagine-se, sopa!... De legumes e com ou sem *croutons* de pão. Uma vez que tempo é coisa que abunda em viagem, vamos voltar à *fauna* de acompanhantes. Hoje a nossa *Barbara Cartland* voltou a surpreender! Vinha mesclada de tons de azul. Os corsários, que timidamente expunham a rechonchuda perna, eram brancos. Já o top, também branco, estava debruado a azul. Para não falar dos brincos. E que dizer do chapéu? A *pièce de résistance*! Era todo brilhante e cheio de resplandecentes lantejoulas. Um *must*! E o anel, pessoal, o *cachucho* era de tirar a respiração. Sufocava por completo o pobre anelar da mão direita! Também azul, mais parecia um bicho peludo. Qualquer coisa como um filhote de *hamster* cruzado com chinchila!... Mas a senhora, apesar da suposta idade avançada, até estava em muito bom estado de conservação e primava pelo requinte. Discutível, é certo. Mas que não era qualquer *coisinha* que cobria aquelas massas carnudas, ai isso é que não era! Aparentava-se dos pés à cabeça, nem que fosse só para ir jantar e depois retornar ao quarto para ir dormir. Curiosamente, este ano as carnes expostas não eram assim tão sebudas e adiposas como seria de esperar. Quem sabe se por via da malvada crise que teima em nos não largar ou, em alternativa, pela estética. Que nos tivéssemos apercebido, apenas tínhamos no grupo uma bem nutrida e reboiudinha matrona, por sinal de bexiga frágil. Sempre que o autocarro se aprestava a estacionar, era vê-la precipitar-se para a porta, atropelando todo e qualquer um que se atrevesse a cruzar o seu caminho. Tudo isto porque urgia chegar aos lavabos.

Deixei para o fim as duas mais estranhas criaturas que alguma vez nos fizeram companhia. Um macho e uma fêmea que viajavam sozinhos. Ele, de ascendência goesa, parecia há muito fora do prazo de validade. Arrelampado, jantou na nossa mesa num dos dias do circuito e connosco manteve uma surrealista conversa. Parecia um diálogo de surdos, com perguntas incessantemente repetidas e matraqueadas. Arrebanhava todo o tipo de papéis, onde ia rabiscando hieróglifos que só ele sabe e, certamente, só ele conseguirá decifrar. Quase nos contou a vida desde que nasceu – que era solteiro e, uma vez *que não tinha mulher para aturar* – as palavras são suas – viajava três ou quatro vezes por ano. Viagens que pagava a prestações, graças à atenção e amizade de um funcionário de uma qualquer agência de viagens. Pusémos-lhe o nome de *Farrusquito* e, graças a ele, passámos hilariantes momentos. À outra estranha criatura chamámos *Beg lady*⁵. Muito por culpa do seu desleixado e enxovalhado aspecto. Artilhada com um carrapito no alto da cabeça, vestia saias cujo tecido já vira melhores dias. Hoje vinha com uma que já foi preta e tinha os pés assentes em chinelos que punham a descoberto uns encardidos calcanhares que, pelo aspecto, fugiam da água *como o Diabo da Cruz!*... Os cabelos mais pareciam um ninho de ratos em ponto grande. Fazia-se acompanhar de um enorme saco cor de laranja, que nunca, mas mesmo nunca largava. Nem para tomar o pequeno-almoço. Mais tarde lhes diremos porque o fazia, muito embora pressinta que já sabem porquê e para quê. Ai se àquele saco fosse dada liberdade de expressão!...

Mas sigamos viagem. Passamos agora ao lado de Reims, capital da região de *Champagne*, cidade ligada à heroína nacional *Jeanne d' Arce* fortemente castigada aquando das duas guerras mundiais que dilaceraram o mundo na primeira metade do século XX. Na primeira (1914-1918), além dos enormes estragos infligidos, também a sua magnífica e simbólica catedral não foi poupada pelos bombardeamentos alemães. Contudo, a cidade serviu de cenário à rendição alemã, aquando do segundo grande conflito (1939-1945). O compromisso foi assinado no dia sete de Maio de 1945, mais precisamente às duas horas e quarenta e um minutos, pelo marechal alemão Alfred Jodl, data que coincidiu com o fim dos combates em território europeu. Para que conste, dizemos que parte destas informações foram-nos dadas a conhecer pela nossa competente guia, homónima da brasileira *Calcanhoto*. Os outros, como somos ávidos de conhecimento, fomos espiolhá-los à *net*... Já passavam cinco minutos das treze quando parámos para o almoço. Voltámos a fugir à faca e garfo. Optámos por um *menu régal* e, entre as sanduíches disponíveis, escolhemos uma simples, de queijo e fiambre (*fromage et jambon*). Como tínhamos direito a uma bebida e a uma sobremesa, escolhemos uma água fresca e uma salivante *tartine au chocolat*. Ficámos bem, a todos os níveis. Barriga

⁵ Sem-abrigo.

cheia e satisfeita e pecúlio pouco beliscado, uma vez que o *rombo* foi de apenas 7,80 €. Bem longe dos mais de quinze da véspera.

Chegámos a Estrasburgo por volta das seis e meia da tarde. Depois de arrumarmos os pertences no quarto do hotel onde iríamos ficar duas noites e como ainda tínhamos tempo até ao jantar, marcado para as vinte horas, deixámo-nos estar a preguiçar e a usufruir do fresquinho do ar condicionado. Descemos pouco antes da hora marcada e reparámos que, nas mesas, tínhamos à disposição água e vinho tinto, bem como uns deliciosos pãezinhos de cereais, quadrados e cobertos de pequenas sementinhas de sésamo. Como se isso não bastasse, ainda havia pequenas embalagens de manteiga *Président*. Nada mal! Como entrada serviram-nos um disco de massa folhada coberto com uma rodela de tomate e queijo derretido, que vinha acompanhado com uma salada verde, de alface e umas folhas que nos pareceram ser de rúcula ou algo parecido. Não foi difícil dar-lhe um nome, uma vez que, em cima das mesas, estava disponibilizado o menu que iria ser-nos servido. Assim sendo, o que atrás foi descrito chamava-se, pomposamente, *tarte fine à la tomate et mozzarella*. Veio depois um filete de salmão assado no forno e assente numa cama de legumes, onde se viam ervilhas, cenouras e feijões-verdes, tudo rodeado por um amarelado molho. O cardápio chamava-lhe *pavé de saumon rôti aux legumes gourmands sauce aigre-douce*. *Last, but not least*, deram-nos uma pequena tarte de chocolate, coberta com um tufo de *chantilly* e rodeada de leite-creme – *tartelette au chocolat et crème anglaise*.

Depois de tão delicada e requintada refeição fomos passear pela cidade, que longe estávamos de imaginar fosse tão bela. Nas nossas andanças por essa Europa, nunca lá tínhamos estado. Pelas linhas do *tram*⁶ fomos seguindo em direcção à catedral, virando depois à esquerda para uma praça onde estava instalado um pequeno carrossel. Continuámos e, meia dúzia de metros mais abaixo, demos de caras com o templo, enigmático sob um claro e límpido luar, em cuja praça se moviam milhares de almas. As casas ao redor, belíssimas, não tinham mais de dois ou três pisos e a sua construção era, aparentemente, de cariz medieval. Preparava-se um espectáculo de luz em som na fachada da sé, à semelhança dos que já havíamos visto em Chartres e em Bruxelas. Como ainda nos pareceu estar demorado, continuámos a nossa passeata. Descemos até aos canais que, à imagem de Amesterdão, serpenteiam pelo meio da cidade. E fomos descendo e subindo, até que retornámos à praça da catedral onde deveria já ter começado o tal espectáculo. E assim era, de facto. Quando nos sentámos na esplanada de um dos cafés que por ali abundam, para o *cappuccino* da praxe, a profusão de luzes de cores e tonalidades diversas foi evoluindo ao som de *Montéquios e Capuletos* – (*Dança dos Cavaleiros*), de Sergei Prokofiev. A bebida, supimpa, aromatizada com um

⁶ Carro eléctrico.

leve travo a canela, foi-nos servida por um ataralhado empregado. Efusivo e hilariante, parecia saltitar e não caminhar. De forma desinibida e folgazona, ia chalaceando com os clientes, cantando em alto e bom som sempre que saía do café com a bandeja bem equilibrada na mão direita. Alourado, bem parecido, o avental dava-lhe um ar *sexy*. Deixámo-nos estar mais um pouco, até cerca das vinte e três e trinta, hora em que nos apercebemos que os empregados começavam a arrumar as cadeiras deixadas em desalinho pelos clientes. No dia seguinte faríamos a visita da cidade, com guia local, a que se seguiria uma visita a Colmar, que também não conhecíamos.

10 de Agosto, Quarta-Feira

Depois do pequeno-almoço, às nove da manhã, lá partimos com a guia local a fazer-nos companhia. De nome Júlia, vestia um fato de calça e casaco pretos, blusa azul e calçava sapatos pretos abertos atrás. Os pés estavam encobertos por umas negras meias, que no calcanhar esquerdo deixavam antever um valente buraco. Cabelos pretos, curtos, os olhos estavam protegidos por uns modernos óculos, de armações de massa, pretos e brancos, que no cimo tinham uma espécie de sobranceiras(?). Não pudemos deixar de nos rir com o ar da senhora, que só nos fazia lembrar o Herman José travestido de *Jáquina*, apresentando a sua *moda crise quatre-vingt-quatre...* Como primeiro lugar de visita fomos para o bairro que alberga as instituições europeias – O Conselho da Europa, o Parlamento Europeu e a Palácio dos Direitos Humanos. A que se seguiram outras zonas de belíssimas edificações, até que, à nossa direita, nos deparamos com uma imponente Sinagoga em cuja parede lateral está implantado um enorme *menorah*! Mais adiante uma estátua de Goethe, que para aqui veio estudar Direito e Medicina por imposição paterna. Contudo, e segundo indicação da *nossa* Júlia, o destino *trocou-lhe as voltas* ao colocar no seu caminho a belíssima loira de olhos claros Friederike, filha de um pastor de uma aldeia próxima, que logo o apartou do destino que o pai lhe havia traçado. Este amor foi mais tarde imortalizado e personificado na obra de Goethe, concretamente na *Gretchen* de *Fausto*. Outro ilustre morador foi Pasteur, em cuja honra foi baptizado um dos cais da cidade.

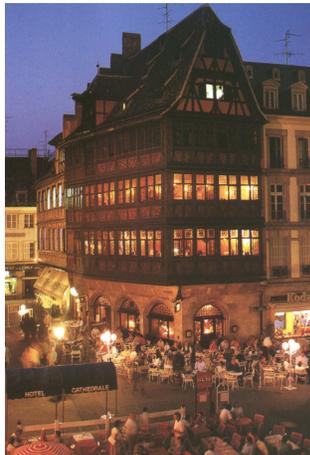
Ponto alto da visita foi a *Petite France*, um dos mais típicos e notáveis bairros. Em tempos habitado por indivíduos cuja actividade profissional era a indústria de curtumes, exhibe uma peculiar e magnífica arquitectura. Por via do nauseabundo cheiro das peles, estas eram colocadas a secar em locais especiais das casas, uma espécie de aberturas. Desta forma, o ar tornava-se mais respirável. Também para aqui foram enviados os soldados provenientes das inúmeras campanhas bélicas que, ao regressar à pátria, vinham contaminados com uma à data estranha e desconhecida maleita, apelidada de “doença francesa”, que mais não era do que *Sífilis*. Daí que o bairro tenha

adquirido uma fama pouco simpática e, em sentido pejorativo, tivesse sido baptizado com o nome que hoje lhe dá fama e o torna num dos mais típicos e caros da cidade.



Vale a pena observar demoradamente as velhas casas de estrutura de madeira e os pequenos cais agora inundados de turistas. Tudo isto tendo como banda sonora o barulho da água que salta pelos desníveis que outrora faziam funcionar os moinhos. Espreitámos as grandes pontes cobertas que, na noite anterior, tínhamos visto totalmente iluminadas e que, em tempos, funcionaram como estrutura defensiva barrando o caminho aos invasores.

Dali seguimos directamente para a vetusta e magnífica praça da catedral, rodeada das tais casas de traça aparentemente medieval, um tipo de arquitectura que ficámos a saber se designa de enxaimel, ou seja, de barro amassado com suportes de madeira. Mesmo à esquerda, um típico e fantástico exemplo é a *Casa Kammerzeil*, construída em 1427.



O templo é gótico e, na sua fachada de arenito avermelhado, exhibe imagens e baixos-relevos alusivos às diversas fases da sua construção, iniciada em 1015. Com uma altura de 142 metros, a torre é obra do século XV e, até final do século XIX era a mais alta do mundo, até que foi suplantada pela torre da catedral de Colónia. A sua pedra carmim pode ser vista a dezenas de quilómetros de distância. Entrámos pela porta lateral, que nos levou directamente ao pilar dos anjos, mesmo ao lado do relógio astronómico. A cada meia hora pode assistir-se a um ritual de personagens que desfilam perante dezenas de embasbacados olhos. Como eram dez e trinta, posicionámo-nos para melhor desfrutar do espectáculo. Começámos por observar um esqueleto, que obviamente representa a morte, como desígnio e destino final ao qual não escapamos. À direita, um velho soçobrado sobre um cajado avança ao compasso das badaladas matraqueadas pela morte que brande uma tibia e com ela desfere golpes sobre uma campânula. Enquanto o som metálico ecoa pelo templo, a figura de uma criança, representativa de mais uma etapa da vida, surge perante a morte. A maior procissão de figuras surge às doze horas, quando todas as figuras se movimentam, incluindo Cristo que abençoa os doze apóstolos. Dali passámos à nave principal, mesmo em frente ao altar-mor. Sentámo-nos para que, calmamente, pudéssemos ouvir as explicações da nossa guia. Ficámos assim a saber que, por exemplo, o belíssimo vitral da *Virgem e do Menino* que aí se encontra foi ofertado pelas instituições europeias, devidamente identificado pelas estrelas amarelas dispostas sobre um fundo azul. Ficámos também a saber que, aquando da segunda guerra mundial, a enorme rosácea foi reduzida a estilhaços pela onda de choque das bombas que por perto deflagraram. De forma a evitar danos maiores, muitos vitrais foram retirados, desmontados e acondicionados nas caves de um dos muitos castelos franceses. A construção deste templo, em honra e glória da *Virgem Maria*, abrangeu quatro séculos. Do XI ao XIV. Outro vitral de rara beleza que nos foi dado conhecer representa a justiça de Salomão. O tempo é implacável e há alturas em que passa num ápice sem que disso nos apercebamos. Foi o caso! Num instante se esgotaram duas horas. Era agora tempo de irmos até Colmar, a outra visita programada para o dia, onde chegámos por volta das treze horas. Longe estávamos de imaginar que nos aguardava uma cidade de rara e exótica beleza, autêntico postal ilustrado.



Logo à entrada fomos surpreendidos por uma réplica da estátua da liberdade, contudo mais pequena. É que aqui nasceu, o seu autor, *Auguste Bartholdi*, no dia 2 de Agosto de 1834. Uma vez no centro da cidade e visto serem já horas de almoço, para não perdermos tempo decidimos comprar uma sanduíche. É que, deste modo, enquanto almoçávamos íamos passeando. Escolhemos uma de pasta de atum, guarnecida com rodelas de tomate e pepino. Mas nem todos eram tão frugais como nós. Pelas esplanadas dos restaurantes fomos apreciando os esfaimados turistas, devoradores de grandes pratos de *choucroute* que acompanhavam com grossas e engorduradas salsichas. Não esqueçamos que estamos em plena Alsácia, paredes-meias com a Alemanha. Mas havia muito mais! Lasanha, artesanais *pizzas* servidas sobre placas de madeira e um sem número de coloridas saladas compostas de miríades ingredientes.

Antes de regressar e como ainda havia tempo, sentámo-nos na esplanada do *Salon de Thé Pâtisserie Dussorf* e deliciámo-nos com algumas iguarias locais. Como éramos três, mandámos vir outras tantas fatias de tarte, mas todas diferentes. Uma de *fromage blanc*, outra de *framboise* e outra de nome *aliance*, à base de chocolate. Democráticamente partilhadas, acompanhámo-las com café. Foi *de lamber os beiços!* ...

Eram dezasseis horas quando partimos rumo a Estrasburgo, onde chegámos duas horas depois. Até ao jantar, marcado para as vinte, fomos dar uma volta pela cidade e aproveitar para comprar os últimos *souvenirs*. Também não podíamos ir embora sem provar o *kugelhopf*, o tradicional bolo alsaciano feito de farinha, manteiga, ovos, leite, *kirsch*, passas de uva e amêndoa filada. Comprámos um pequeno numa loja de produtos típicos, que depois fomos comendo enquanto passeávamos pela cidade. Voltámos a ter à mesa do jantar os tais pãezinhos quadrados e cobertos de sementes de sésamo, que comemos com manteiga *Président*. Também lá estavam de novo as águas, com e sem gás, e o vinho tinto. Começámos por comer uma *salade vosgienne*, que tinha alface, chicória, pequenas fatias de *bacon* frito e *croutons* de pão, tudo temperado com vinagre balsâmico e guarnecido com um pequeno ovo escalfado, que desconfiámos ser de codorniz. Veio depois um *suprême de poulet rôti et tagliatelles sauce tomate épicee*, que é como quem diz, em bom português, um



peito de frango assado e coberto com molho de tomate aromatizado com uma especiaria que nos pareceu pasta de caril e acompanhado de *tagliatelli* cozido. Por fim veio uma salada de frutas em copo alto, onde se via ananás, laranja, uva e maçã, coroada com uma bola de gelado de coco. Depois de tão esmerado repasto fomos despedir-nos da cidade. Descemos para a praça Klèber e dali para a praça da catedral. De novo vinha ao nosso encontro o medonho e algo satânico quinteto com quem nos havíamos cruzado na noite anterior e que nos faziam lembrar os *Olharapos* da *Expo 98*. Era um grupo composto por quatro mulheres e um homem, espantosamente maquilhados e trajados de vermelho e negro. O homem puxava uma espécie de carroça com um enorme caldeirão negro, em cujo cimo se via um crânio de carneiro com uns bem retorcidos cornos. A figura feminina que precedia o cortejo manipulava uma espécie de recurvada tocha, incandescente dos dois lados, que empestava o ar com um quase nauseabundo cheiro a querosene. A fechar a comitiva seguiam duas longilíneas fêmeas que caminhavam de forma elegante e graciosa sobre andas, curvando-se sobre os transeuntes em poses e olhares de causar calafrios. As *mafarriquentas* e *mefistofélicas* expressões faciais tornavam ainda mais assustador o já soturno e *acagaçante* ambiente, contudo fantástico e espectacular. Pena que, das duas vezes que cruzaram o nosso caminho, o fizessem já em fase de retirada. Descemos mais um pouco, e eis-nos de novo na praça da catedral, uma vez mais palco do espectáculo de luz e som na fachada do templo. Continuámos mais para baixo, para as margens do l'Ill, o rio que banha a cidade. Íamos para a *Petite France*, onde tínhamos estado de manhã, e que agora queríamos *ver com outros olhos*. Caminhando ao longo das margens, fomos dando conta dos espectáculos de vária índole que aqui decorriam e que nos levavam através dos séculos, da Idade Média à Revolução Industrial, passando pela Renascença. Tudo isto mesclado com música, jogos de água e luzes, num programa cultural denominado de *L'Ill aux Lumières*, que decorria desde 8 de Julho e prolongar-se-ia até ao dia 28 de Agosto. O primeiro que vimos era uma espécie de palco flutuante, ao pé da antiga alfândega, onde um magnífico e afinadíssimo grupo coral entoava belíssimos cânticos. Estava identificado como *Le chorale des bateliers*. Mais abaixo, na ponte *Saint Thomas*, melhor dizendo, por debaixo desta, numa cortina de água são projectadas imagens que evocam a *Revolução Industrial* de meados do século XIX. Aqui vimos alguns mecanismos e geniais invenções no domínio da construção, da electromecânica e até de meios de telecomunicações, num espectáculo intitulado *La révolution industrielle: le XIXe siècle et le progrès*. Seguiu-se mais adiante, no *Quai Finkwiller*, outra exibição cuja temática voltava a abordar a revolução industrial. Desta feita sob o título *La révolution industrielle: la machine géante* e também numa espécie de cais ou palco flutuante, onde uma gigantesca máquina serve de pano de fundo à exibição de dois esculturais bailarinos. Cuspindo enormes labaredas complementadas com efeitos pirotécnicos, marca o alucinante ritmo de uma frenética e

quase perfeita coreografia. Seguindo a nossa viagem, uma vez mais atravessámos o bairro da *Petite France* pelo meio das esplanadas e fomos espreitando os petiscos servidos às dezenas de pessoas que aqui jantavam. Fomos depois dar ao caminho que, na noite anterior, não havíamos concluído. Novamente à beira do rio, espreitámos mais uns quantos espectáculos que por ali decorriam. Na *Pont du Corbeau*, outrora conhecida como *Le pont des supplices*, e que, como o próprio nome deixa adivinhar, foi local de grandes execuções públicas, vimos uma espécie de boneco que, simbolizando um condenado, está dentro de uma gaiola suspensa sobre o rio, enquanto uma espécie de narrador, ou carrasco, propaga alto e em bom som os crimes que cometeu e pelos quais será executado. Fá-lo em tom jocoso e de escárnio, que não raras vezes arranca à multidão sonoras gargalhadas. Mais adiante, no *Quai S. Nicolas*, um outro espectáculo denominado *Le kioske Marie Laczinska* exhibe cenas da corte de Luís XV e convida-nos para, através da leitura, viajarmos até ao século XVIII. Ao que lemos num folheto distribuído aos transeuntes, evoca a filha de um rei polaco no exílio que, vivendo em Estrasburgo, aqui terá tido uma vida incrível. Para finalizar vimos gigantescas imagens projectadas na fachada do *palácio Rohan*, sob o título *Les fêtes du palais*, e vivemos o clima das luxuosas e sumptuosas festas que aqui decorreram. Quando demos conta já a noite ia alta e estávamos na praça da catedral. Como já era da praxe, fomos ao *cappuccino*. Escolhemos uma esplanada no rés-do-chão da *Maison Kammerzzel*. Estava coberto com um montículo de natas, mas o aspecto não condizia com o sabor. Deixámo-nos estar a apreciar o fluxo de gentes, até que nos apercebemos que os empregados ansiavam por voltar para as respectivas casas. Isto porque iam calmamente fechando as portadas do estabelecimento e arrumando as mesas e cadeiras. Regressámos ao hotel por volta das onze e meia, uma vez que o dia seguinte prometia ser duro com milhares de quilómetros pela frente. Íamos para Praga, a cidade das cem torres, que iria acolher-nos nas próximas três noites.

11 de Agosto, Quinta-Feira

Deixámos Estrasburgo após o pequeno-almoço, por volta das sete e trinta, e pouco mais de um quarto de hora depois já estávamos em território alemão. A primeira paragem foi em Nuremberga, a ancestral e histórica cidade. Aqui nasceu uma das mais execráveis (se não mesmo a mais execrável) e repugnantes ideologias – o nazismo – no seguimento do 6º congresso nacional-socialista que aqui decorreu entre 4 e 10 de Setembro de 1934 e que tão bem foi retratado por *Leni Riefenstahl* em *Triumph des Willens*. Mas também aqui foram julgados e condenados alguns dos seus mais acérrimos defensores. Talvez, na nossa modesta opinião, uma das poucas vezes em que neste mundo se fez justiça. Por volta das dez da manhã fizemos o nosso primeiro contacto com o *caloroso*(?) povo germânico. Foi numa área de serviço quando, depois de uma

ida à casa de banho, resolvemos ir tomar um café. Atendeu-nos uma mal encarada e indisposta empregada que, pelos modos bruscos como nos recebeu, cuidámos que, ao invés do café, ia brindar-nos com uma valente murraça nos queixos!... Quando os clientes começaram a aumentar e os pedidos a acumular, berrou qualquer coisa como *strrrreeess*, num cerradíssimo sotaque alemão.

Era meio-dia e meia hora quando chegámos a Nuremberga. O autocarro estacionou junto à estação dos caminhos-de-ferro, em frente ao *Bavarian American Hotel*, e fomos subindo até à praça da catedral. Tínhamos duas horas pela frente, incluindo o tempo para o almoço. Deste modo, e para melhor aproveitar o tempo de que dispúnhamos, comprámos uma gigantesca fatia de *pizza* e fomos comendo enquanto caminhávamos. Depressa nos vimos de novo na praça da catedral onde, uma monumental bola de futebol apregoa o mundial do dito, que aqui decorre em 2006. Depois dos *souvenirs*, sentámo-nos confortavelmente num café com vista para a avenida e comemos uma tarte de pêra coberta de amêndoa laminada, que acompanhámos com uma chávena de café. Pelo menos foi esse nome que deram àquela sensaborona água quente de preto tingida que nos serviram. Menos de meia hora volvida já estávamos de volta à estrada. Mas nem tudo ia bem. Começámos a aperceber-nos que, de facto, algo de estranho se estava a passar. E estava! Estávamos perdidos. Por voltas e mais voltas lá seguimos pela estrada nacional, ao invés da auto-estrada, por meio de bucólicos lugarejos. Andávamos às cegas, uma vez que haviam retirado as placas de sinalização por causa das obras que decorriam. Valeu-nos um solícito alemão, pasme-se, que se prontificou a mostrar-nos o caminho por onde deveríamos ir, seguindo à frente no seu carro até ao local onde voltaríamos a entrar na auto-estrada. Aqui vimo-nos obrigados a reconhecer que, afinal, nem todos os alemães são antipáticos. Também os há fraternos e solidários. Valha-nos isso! O passar da fronteira com a República Checa fez-se num ápice. Sem qualquer tipo de formalidade e sem que nos fosse pedido qualquer documento de identificação. Que lástima! E nós que já tínhamos o passaporte em riste e *ansioso* pela segunda carimbadela. A primeira havia sido há meia dúzia de anos atrás, curiosamente também na República Checa, com a particularidade de o carimbo mecânico apostado indicar o ano de 1929(?). O que lá diz é que entrámos por aquelas paragens no dia oito de Agosto desse ano. Pois bem, estávamos agora a cerca de cento e sessenta quilómetros de Praga, distância que prevíamos transpor em cerca de duas horas. Tínhamos jantar no hotel e contávamos chegar por volta das vinte e trinta ou pouco mais. E assim foi, de facto. Só deu tempo de colocar as malas no quarto e descemos de imediato para o restaurante. Começámos por comer uma sopa com aletria, cenoura em juliana e pedacinhos de carne de frango. Vieram depois umas fatias de vitela assada, regadas com um acastanhado molho levemente agridoce, que vinham acompanhadas com quatro fatias daquilo que nos pareceu ser uma espécie de pudim de

pão ou fatias de pão branco prensado. Era bom, mas não fazíamos a mínima ideia do que seria. Em conversa com a nossa guia pedimos-lhe que questionasse o empregado no sentido de saber o que era. Disse-nos depois que era feito com pão, água, leite e uma espécie de flor para fermentar e aromatizar. Mais tarde, num guia da cidade, lemos que se chamam *knedlíky* e são uns bolinhos cozidos, vulgarmente servidos como acompanhamento nos restaurantes da cidade. São feitos com ovos, leite, farinha, fermento, sal e fatias de pão partidas em pequenos cubos. Voltando ao jantar, à sobremesa deram-nos uma fatia de *appelstrudel*, guarnecida com molho de caramelo e natas. Nas mesas havia ainda jarras com água e gelo e pequenas roscas de pão branco e outro mais escuro. Depois do óptimo jantar fomos dar uma passeata pela cidade, que já nos era familiar. O mapa que pedimos na recepção do hotel em nada ajudou, uma vez que os nomes das ruas estavam num imperceptível checo, com estranhíssimos e insofribíveis nomes. Valeu-nos que o hotel ficava a pouco mais de duzentos metros da Praça da Cidade Velha – *Staroměstské Dam*. Começámos por andar até à *Torre da Pólvora – Prasná Brána*, a mais importante das treze entradas da cidade antiga, e cujo nome se deve ao facto de, no século XVII, ter servido de armazém de pólvora, próxima do hotel, e num piscar de olhos vimo-nos engolidos pelos milhares que deambulavam pela praça. Lá estava o relógio astronómico, encaixado na fachada da *Câmara Municipal – Staroměstská Radnice*, o memorial a *Jan Huss*⁷ e a *Igreja Týn – Kostel Panny Marie Před Týnem*, com as suas duas torres góticas, cuja construção se iniciou em 1461. Atravessando a praça virámos para a esquerda e seguimos até à *Praça Venceslau – Václavské Náměstí*, autêntica *sala de visitas* da cidade e palco dos mais recentes eventos históricos do país. Falamos do fim da *Primavera de Praga*⁸ e, posteriormente, da *Revolução de Veludo*⁹. Antes da estátua equestre de São Venceslau, não pudemos deixar de prestar a nossa homenagem a *Jan Palach – Jana Palacha*, o jovem estudante de filosofia que, a 16 de Janeiro de 1969, com apenas 19 anos, decidiu imolar-se pelo fogo em sinal de protesto pela ocupação soviética da então Checoslováquia. Já na base da estátua, completamente coberta para obras de restauro ou, simplesmente, para limpeza, observámos uma pequena exposição fotográfica complementada com inúmeras e coloridas velas acesas, que ilustrava um protesto contra a brutalidade exercida pelas forças policiais um pouco por todo o mundo. Mas não

⁷ Reformador, contestou abertamente a igreja romana, nomeadamente a autoridade papal que instituía a remissão dos pecados a troco da venda de indulgências. Foi excomungado, sob a acusação de heresia, e queimado vivo.

⁸ Iniciada em 1968, tentou instituir no país um *socialismo de rosto humano*, preconizando profundas reformas políticas, económicas e sociais e foi liderada pelo líder do Partido Comunista local *Alexander Dubcek*. Foi, como costuma dizer-se, *sol de pouca dura*, uma vez que, temendo os *ventos de mudança* que agora *começavam a querer soprar*, no dia 20 de Agosto tanques soviéticos irromperam pela cidade e esmagaram a rebelião.

⁹ Curioso nome dado às manifestações de regozijo ocorridas por altura da queda do comunismo, em 1989. Deve o nome ao facto de a maioria dos manifestantes se encontrar elegantemente vestido, com roupas de es o moderno e ocidental, repudiando, deste modo, a *retrógrada* ideologia que contestavam.

tínhamos ainda cumprido todos os objectivos a que nos havíamos proposto para a primeira noite em Praga. Faltava ainda a *Ponte Carlos – Karlův Most*. Para lá chegar voltámos para trás, até à *Staroměstské Dam* – Praça da Cidade Velha, para depois virarmos à esquerda e apanharmos a *Rua Karlova* que nos lá levava. Pelo caminho detectámos à nossa frente a presença de dois machos lusitanos, em passo largo e diálogo pouco amistoso. Às tantas um deles, em tom agastado, berra para o outro qualquer coisa como *Rafael, anyway, eu estava a curtir a tipa!...* Chegámos à ponte sobre o *Vltava* passavam dez minutos da meia-noite, onde certamente estariam, sem exagero, centenas de pessoas. Antes, à nossa direita, lá estava a estátua de Carlos IV, o fundador da mais antiga universidade da Europa. Já na ponte, à nossa esquerda, num edifício de vários pisos sobrepostos, o nosso olho caiu sobre uma monumental e animada discoteca que, ao ritmo de frenética música, embala dezenas de sôfregos corpos sob uma intensa e *pecaminosa* luz vermelha. Mas o cansaço começava a apoderar-se de nós. A hora ia avançada e as quase doze horas de viagem desde Estrasburgo já pesavam. Era tempo de dar descanso ao corpo, até porque, dali a umas horas, tínhamos que estar em forma para a visita da cidade com guia local, que se perspectivava durar perto de três horas. De regresso ao hotel ainda tivemos tempo para presenciar uma cena verdadeiramente *do arco-da-velha*. Um bando de perdidos de bêbados mancebos que, pelo sotaque, seriam discípulos de *Isabel II* de Inglaterra, abordava uma jovem que nos pareceu ser nativa e com ela *apalavrava* o preço para uma louca noite de sexo. Com todas as letras. Antes de dormir bebemos tranquilamente o café com leite da praxe, que acompanhámos com as imperdíveis bolachinhas de fibras. As duas da manhã não estavam longe quando finalmente *descemos ao vale de lençóis*.

12 de Agosto, Sexta-Feira

Depois da primeira refeição do dia demos início à programada visita da cidade. Fora do hotel, encontrava-se o sumptuoso autocarro que nos transportaria. Uma *coisa* quase do outro mundo, onde o luxo imperava. Desde os estofos de couro às anatómicas e confortabilíssimas cadeiras. Nunca, nas nossas já muitas viagens, tínhamos tido uma sorte igual. Também a guia local já nos aguardava. De nome *Jeka*, versão checa de *Judite*, aparentava ser de meia-idade, não mais de trinta e poucos, e tinha um relativamente curto e escorrido cabelo castanho. Os olhos eram azuis e vestia calças pretas e casaco azul-escuro. O pescoço estava protegido com um lenço azul claro e estampado. Trazia à cintura um peculiar mecanismo, à imagem de uma pequena bolsa, da qual saía um fio que ia ligar a um microfone preso à cabeça por uma espécie de bandolete. Tratava-se de um sistema sonoro que permitia ampliar a voz, evitando, deste modo, que a guia tivesse que berrar para que todos a ouvissem. Saindo do hotel seguimos em direcção ao *Castelo de Praga – Pražský Hrad*, situado na zona de

Hradčany e atravessámos uma ponte de nome *Čechův Most*. É aqui a sede do governo e, desde 1918, residência do Presidente da República. O início da sua construção data do século nove. Menos de um quarto de hora depois, com a chuva a cair-nos no costado, estávamos em frente do castelo. Começámos por visitar uma série de pátios interiores, pelos quais temos que passar até chegar ao portão da entrada. Lá estavam os jovens guardas, rendidos de hora a hora, envergando o seu uniforme azul clarinho, desenhado, imagine-se, por *Theodor Pist*, o autor do guarda-roupa de *Amadeus*, de *Milos Forman*. Uma vez no portão, sentimo-nos minúsculos perante as enormes estátuas que ficámos a saber se denominam de *Gigantes Lutadores de Ignaz Platzer* e que, pela sua grandiosidade, reduzem as sentinelas a pequenos anões. Dali entrámos na *Catedral de S. Vito – Katedrála Svatého Víta*, a abarrotar de visitantes. A sua construção foi iniciada em 1344, contudo, manteve-se inacabada até ao século dezanove. Barroca e profusamente decorada, alberga a *Capela de S. Venceslau*, uma das partes mais antigas do templo e que remonta ao século catorze. Apenas nos foi permitido dar uma fugaz espreitadela, por via da enorme fila de gente que aguardava a sua vez de a observar. Mesmo assim, pudemos ver e confirmar as informações da nossa guia e constatámos que, de facto, as paredes mais baixas estão cobertas de pedras preciosas, diz-se que perto de mil e trezentas, e os frescos que a decoram retratam cenas não só da vida deste santo como, ainda, da paixão de Cristo. Estávamos na colina de *Hradčany* e fomos descendo, alternado entre a fria chuva e o forte sol. Íamos agora para a *Igreja do Menino Jesus de Praga*, nome por que é conhecida a *Igreja de Nossa Senhora da Vitória – Kostel Panny Marie Vítězné*, construída no século XVII. É morada de uma pequena imagem de cera de Cristo menino, que terá sido trazida de Espanha em 1628 e ofertado às freiras carmelitas que, desde então, cuidam do petiz e dos seus trinta e nove trajes bordados que vão trocando amiúde, de acordo com a ocasião.



Hoje estava de azul, com duas tonalidades distintas. Dos lados azul-turquesa e ao centro uma espécie de tarja bordada azul-bebé. Depois das preces pelos que nos são mais queridos, a que se seguiu a compra de algumas imagens, saímos rumo à *Ponte Carlos – Karlův Most*. Esta fabulosa construção, que data de 1357, foi construída por ordem de Carlos IV e liga a cidade antiga – *Staré Mesto* ao bairro pequeno – *Malá Strana*.



É uma autêntica galeria de arte ao ar livre, com mais de trinta estátuas dispostas de um lado e de outro ao longo dos seus 520 metros. A mais *concorrida* e significativa, se assim a podemos caracterizar, representa *São João Nepomuceno – Jan Nepomuk*.

É de bronze, ao invés das outras que são de pedra e, à volta da cabeça do santo, está uma auréola ornada com cinco estrelas. Ao que parece, assinala o local onde foi torturado e lançado ao rio, em 1393, por se ter oposto ao rei e seguido o arcebispo. Contudo, há quem jure que foi outra a razão para o seu assassinato. Confessor da rainha, diziam ser conhecedor da identidade dos amantes da soberana, que nem sob tortura revelou. O trânsito na ponte foi suspenso em 1950, o que a transformou numa movimentada e concorrida passagem pedonal. Seguindo a visita, depressa chegámos ao relógio astronómico instalado na antiga *Câmara Municipal – Staroměstská Radnice*. Foi construído em 1410 e, ainda hoje, mantém o mecanismo



original, apenas sujeito a restauros ocorridos entre 1572 e 1592. Uma vez que o meio-dia estava próximo, toda a gente procurou o melhor ângulo de visão para observar o evoluir das figuras aí representadas. Um minuto antes da hora marcada, tradição que o mecanismo cumpre desde há séculos, eis que se escancaram duas pequenas janelas azuis adornadas de estrelas. Daí saem os doze apóstolos de Cristo, que parecem saudar a multidão. Mais abaixo a figura da morte, representada por um esqueleto, vai matraqueando um sino com uma tibia e assentindo com a cabeça, como que assegurando que ao seu poder ninguém escapa. Ao seu lado esquerdo está uma figura masculina que simboliza a avareza, e à sua direita outras duas figuras masculinas que representa, uma delas, a ganância, com um pequeno saco na mão direita, provavelmente dinheiro, e a outra, com um espelho na mão esquerda, simboliza a vaidade. Todas elas movem a cabeça em sinal de negação, como que contradizendo a morte e dela fugindo. Terminado este compasso de tempo, as janelas voltam a fechar-se e o dourado galo que se encontra no topo canta, encerrando o espectáculo. Esta procissão repete-se a cada sessenta minutos, até às vinte e três horas. Aqui terminou a visita da cidade. A partir de agora estávamos por nossa conta. Como o estômago já reclamava, resolvemos fazer-lhe a vontade. Fomos procurar almoço, que encontramos num pequeno quiosque, se assim lhe podemos chamar, que exibia umas encantadoras *pizzas*. Comemos uma de frango, que por sinal estava muito boa, a que se seguiu uma fatia de *appelstruedel*. Ali por perto, numa pequena carripana, uma roliça e simpática checa *dava* maçarocas cozidas a quem lhe desse uma moeda de euro. Lá tivemos que *trincar* uma *milhonga*!



Rumo à *Staroměstské Dam*, que é como quem diz, à *Praça da Cidade Velha*, lá fomos tentando *meter-lhe o dente*, ao que ela insistia em espichar-nos água quente para cima. Mas por fim vencemos e *acabámos-lhe com a raça!* Não tardou muito até estarmos perante a deliciosa montra do *Grand Cafe Praha*, em pleno coração da praça. Tínhamos sido atraídos pelas iguarias expostas, nomeadamente pelos bolos com recheios e coberturas *de cortar a respiração*. Escolhemos um *Bananovy Dort* que, por outras palavras, era uma fatia de bolo de chocolate coberta com uma espécie de mousse do dito, em cujo interior se encontrava meia banana, tudo coberto com uma capa também de chocolate. Para *escorregar* melhor pedimos um café, que nos foi serviço numa chávena grande e, infelizmente, não passava de uma reles mixórdia que, de café, apenas tinha a cor e que, pasme-se, foi mais caro que o próprio bolso. Feitas as contas ao *estrageo*, desembolsámos 85 coroas pelo bolo e 89 pelo café, que perfaz 174 coroas, traduzidas em 6,30 euros. Voltámos mais cedo para o hotel, uma vez que hoje o jantar estava marcado para as sete horas. É que algumas pessoas do grupo iam assistir a uma sessão do típico e característico *Teatro Negro de Praga*. Quando descemos para o *hall* do hotel, as indumentárias deixaram-nos sem fôlego! Ele era *écharpes*, tules, sedas, cetins, saltos altos, brincos caídos, pulseiras, *pochettes*, e sabe-se lá que mais! Um deslumbre!... Mas o mais importante até nem foi a prosápia dos nativos da Lusitânia, não senhor! Foi, isso sim, o extraordinário jantar que nos foi servido, um autêntico orgasmo gustativo. Como entrada serviram-nos duas fatias de pão torrado, cobertas com um apaladado molho de tomate e salpicadas de ervas aromáticas, sobre as quais foram colocadas fatias de queijo *chèvre*, tudo gratinado e ligeiramente tostado. Para enfeitar o prato, uma vez que *os olhos também comem*, colocaram um *rapiguinho* de alface e um quarto de tomate *cherry*. Vieram depois três fatias de rolo de carne, recheado com milho, ervilhas e aquilo que nos pareceu ser ovo, servidas com batatas fritas aos quartos e tudo regado com um molhinho que estava divinal. Para fechar com chave de ouro, veio uma fatia de bolo de massa lêveda, frita, muito semelhante às bolas de Berlim, que estava coberta com um molho de frutos silvestres e polvilhada com um adocicado queijo ralado. Bebemos água fresca e voltámos a comer os tais retorcidos pãezinhos, uns de massa branca e outros mais escurinhos, cobertos de sementes de sésamo. Depois do repasto, uma vez que não íamos ao teatro negro que já conhecíamos, fomos dar uma volta pela cidade. Tínhamos agendada uma visita ao *Museu das Máquinas do Sexo*, por onde já tínhamos passado várias vezes, numa das quais nos foi ofertado um curioso e apelativo folheto por um solícito empregado, que, desde logo, nos *aguçou o apetite*. Parecia ser uma experiência inovadora e deveras interessante. Por duzentas e cinquenta coroas checas, foram-nos dadas a conhecer as mais estapafúrdias maquinas.

Nunca as nossas já de si férteis mentes julgaram poder existir tais artefactos. Escusado será dizer que nos rimos a bom rir! Por ali vimos estranhíssimos engenhos que, ao longo dos séculos, satisfizeram as mais bizarras fantasias e desejos sexuais. Como um vibrador manual, de dar à manivela, oriundo da Alemanha e datado de 1910. Ou uma máquina anti-masturbatória masculina, eléctrica e francesa, datada de 1915. Ainda um *voyeurístico vaso de noite*, curiosíssimo e datado de 1880. Não passava de um vulgar penico de porcelana, encaixado numa armação metálica e que, na parte dianteira, tinha instalado um espelho redondo.

Realmente, deve ser um magnífico e enriquecedor espectáculo observar as partes *pudibundas* enquanto se alivia a bexiga! Não faltavam cintos de castidade, para homens e mulheres, um deles datado de 1580. Ainda um medieval corpete de ferro, fabricado por volta de 1500. Para finalizar, sentámo-nos numa espécie de pequena sala de cinema, equipada com desconfortáveis cadeiras pretas e cortinas de veludo vermelho, onde uma televisão, à laia de pantalha, exhibe dois primitivos, contudo já *avançadotes*, filmes pornográficos espanhóis datados de 1920, e que, já à data, terão feito *corar as pedras da calçada!* O grotesco de algumas cenas, aliado à feiura dos actores, coitados, nomeadamente as obesas fêmeas e os esquilidos machos, arrancaram-nos sonoras e estridentes gargalhadas. Já passava das onze da noite quando de lá saímos, visivelmente bem dispostos e divertidos. Dali fomos outra vez até à *Ponte Carlos – Karlův Most*, apreciar o fervilhar da vida nocturna. Sob um belíssimo luar, tem, de facto, um encanto especial. Sejam os artistas que exibem as suas obras, ou os cuspidores de fogo que arrancam espantados *oooooss* e *aaasss* à maravilhada assistência. Ainda um homem sentado no chão que desperta a curiosidade dos passantes exibindo uma vulgar ratazana que se passeia pelo lombo de um cão pastor alemão. Mas a chuva reaparece e faz-nos arrepiar caminho. Também a meia-noite não tarda e o corpo moído já pedia descanso. Depois do cafezinho com leite e das bolachinhas já adquiridas em solo checo fomos dormir. Podíamos dormir mais um pouco esta noite, uma vez que o dia seguinte era inteiramente livre e por nossa conta, para o qual já tínhamos programado o itinerário, inteiramente destinado à cultura judaica.



PRAHA
melantrichova 18

www.sexmachinemuseum.com

13 de Agosto, Sábado

Levantámo-nos por volta das oito e após o pequeno-almoço fizemo-nos à estrada. Antes das nove já estávamos a caminho do *Bairro Judeu – Josefov*. Para lá chegar socorremo-nos do nosso mapa e a preciosa dica de uma amiga facilitou a tarefa. Pelo menos sabíamos por onde seguir. Da *Praça da Cidade Velha – Staroměstské Dam* – seguimos pela *Rua Parížská*, depois para a *Rua Široká* e já lá estávamos. Depressa o confirmámos pelas figuras masculinas que por nós iam passando, devidamente equipadas com o característico *kippah* e que, sem o saberem, serviram-nos de guia turístico. Afinal, o que parecia fácil tornou-se difícil. Depois de voltas e mais voltas, e apesar do mapa, não conseguimos ir logo onde queríamos. Ou seja, visitar a *Sinagoga Pinkas – Pinkasova Synagoga*, hoje um memorial às vítimas do Holocausto. Continuámos a nossa busca quando, um aglomerado de gentes chamou a nossa atenção.



Constatámos que se tratava de uma completa equipa cinematográfica que se aprestava a filmar qualquer coisa. É claro que já dali não saímos! Curiosamente, estavam a trabalhar em frente à *Sinagoga Espanhola – Španělská Synagoga*, numa rotunda em frente a um pequeno café de nome *Kolkovna*. Instalámo-nos para melhor apreciar o que se passava. Ficámos desconfiados que deveria tratar-se de um comercial, pelo que nos foi dado ver e perceber, a qualquer coisa como chocolate. Vimos uma idosa sentada na esplanada do dito café, que vestia saia *bordeaux* e blusa *beije*, sobre a qual trazia um casaco de malha com padrão axadrezado. Calçava uns sapatos pretos com uma risca da mesma tonalidade da saia. Na cabeça, de ondulados e curtos cabelos esbranquiçados, estava empinada uma boina da cor da saia. A primeira cena que presenciámos, repetida vezes sem conta, mostrava a vetusta senhora a trincar uma barra de chocolate, ou algo similar, logo que se ouve o tradicional *action*, imediatamente seguido do não menos característico *cut*. Acto contínuo, a senhora cospe o que havia

trincado para uma pequena tigela que alguém já segurava junto dos seus lábios e uma outra figura aparece com uma espécie de guardanapo para verificar se a dentadura da *estrela* se encontra em perfeito estado de limpeza e sem resíduos. Uma terceira pessoa providencia a inutilização da recém-trincada barra, deitando-a para um ralo de escoamento das águas pluviais. E vimos isto ser repetido, seguramente, umas quatro ou cinco vezes. Sempre com a preocupação, por parte da equipa técnica, de constantemente verificar e rectificar o posicionamento dos projectores, da câmara e dos respectivos dos ângulos de filmagem. Eis que uma nova cena surge no *plateau*. A velhota tinha agora que se levantar e voltar a sentar-se à mesa do café, sorrir e fazer um certo ar de satisfação. Também aqui as repetições se sucederam. Como o tempo estava inseguro e frio, entre cenas havia a preocupação de colocar um cobertor pelas costas da idosa diva. E ali estivemos mais de uma hora, absortos na observação dos mistérios da sétima arte. Mas não era esse o nosso objectivo. Não era este o propósito que ali nos levou. Continuando a busca, lá encontrámos a *Sinagoga Pinkas – Pinkasova Synagoga*. Contudo, estranhamente, não se viam filas de pessoas à porta para entrar. Nem se via o inusitado movimento de turistas por aquelas paragens. Parecia estar fechada. E estava! Sem sabermos a quantas andávamos, completamente despistados e desnorteados, tínhamos destinado aquele dia à cultura judaica sem nos lembrarmos que era Sábado, o dia do *Shabbat*. É preciso ter azar! Mas o que não tem remédio, remediado está! Lá nos conformámos e, tristes e desiludidos, não nos restou outra alternativa senão ficarmo-nos pela observação da fachada. Também o *Cemitério Judeu de Zizkov – Židovský hřbitov na Žižkově* se ficou por uma fugaz espreitadela por entre as grades do portão de ferro.



O mesmo acontecendo com a *Sinagoga Maisel – Maiselova Synagoga*.

Seguindo a nossa odisseia e como que em jeito de prémio de consolação, sentámo-nos na espectacular esplanada do não menos espantoso *Barock*, um café todo

decorado em tons de laranja, vermelho e preto, imaculadamente limpo e arrumado. Tomámos um *cappuccino* e deixámo-nos estar, tranquilos, espreitando os requintadíssimos transeuntes que diante de nós passavam, de *Dolce & Gabbana* vestidos ou algo mais refinado e requintado, se é que existe. De volta ao passeio, de novo fomos espreitar as filmagens. Estávamos curiosos para ver o que dali ia sair. A velhota mudara de posição. Estava agora sentada de lado e manuseava uma espécie de pequeno martelo de orelhas com a mão direita, tentando arrancar da parede uma chapa que nos parecia um sinal de proibição de qualquer coisa. Agora já estava instalado um grande microfone de girafa, protegido do vento com um abafador de pelos, o que pressupunha a existência de um diálogo. Ou monólogo. Também os projectores estavam posicionados de forma diferente. O sol tinha mudado, visto ser final da manhã e início de tarde e algumas nuvens tinham aparecido. Como o cenário parecia estar *para lavar e durar* e o nosso apetite já apertava, fomos em busca de víveres. À semelhança do dia anterior, fomos ao *Pizza Express*, uma vez que as típicas iguarias italianas aí expostas já tinham dado prova. Desta vez comemos uma *pizza salami*. Ou a fome era mesmo negra, ou o petisco estava mesmo bom. Não sobrou nada para amostra! Para a sobremesa, repetimos a dose da *milhonga*. Lá esfacelámos mais outra maçaroca enquanto caminhávamos rumo à *Ponte Carlos – Karlův Most*. Íamos em busca do *Museu de Franz Kafka – Franz Kafka Museum*, cuja publicidade havíamos visto na manhã do dia anterior quando fazíamos a visita da cidade, por altura da travessia da Ponte Carlos. Por entre caricaturistas, pintores e músicos, lá atravessámos a ponte rumo a *Malá Strana*, onde ficava o museu, na *Hergetova Cihelna, Cihelná 2b*. Quando lá chegámos, ainda tínhamos uma surpresa à espera - não aceitavam euros. Assim sendo, retrocedemos até encontrar uma casa de câmbio onde pudéssemos arranjar coroas.



Depois de termos pago 360 coroas pelo bilhete de ingresso, durante duas horas mergulhámos no mundo deste genial autor de origem judaica, que aqui nasceu a 3 de Julho de 1883, aqui estudou e exerceu a actividade de profissional de seguros e de

funcionário público. Aqui se encontra um extraordinário acervo, que inclui primeiras edições dos seus livros, cartas, diários, manuscritos e muitas fotografias das várias facetas da sua vida, sobretudo a malograda vida sentimental. Também aqui acompanhamos o percurso da sua frágil e debilitada saúde, nomeadamente os sucessivos internamentos no sanatório de *Keirling*, próximo de Viena, fotograficamente bem documentados. Uma matraqueante banda sonora, criada propositadamente para a exposição, empresta ao local, sempre na penumbra, uma aura de mistério algo soturna. Também aqui vimos um pequeno filme alusivo à sua vida e obra. Ficámos a saber que nasceu na *U Rasnice 5* e que viveu em quinze locais diferentes na cidade, a maior parte dos quais muito perto da *Praça da Cidade Velha – Staroměstské Dam*, onde o pai possuía uma pequena retrosaria na *Staroměstské náměstí 8*. Também aqui frequentou o *Liceu Alemão – Gymnasium*, para onde era conduzido todos os dias pela mão de um dos cozinheiros da casa paterna. Concluiu depois o Doutoramento em Direito no *Karolinum*, a mais antiga universidade da Europa central. A cidade está estampada um pouco por toda a sua obra, sobretudo em *O Castelo*, onde o *Castelo de Praga – Pražský Hrad*, está em primeiro plano. Já a tarde declinava quando saímos. Decidimos ir provar os magníficos bolos expostos na montra do café *Cukrárna U Zlaté Konvice* (que raio de nome!), mesmo ao lado do *Museu das Máquinas do Sexo*. Pedimos um *cappuccino*, e, para acompanhar, escolhemos um bolo de aspecto quadrado, em camadas sobrepostas de massa branca e de chocolate, entremeadas e acopladas com um creme de pistáchio, em cujo topo brilhava um espelho de gelatina ao qual estavam presos dois destes frutos secos. Para compor e enfeitar, pespegaram-lhe um rendilhado de chocolate branco. Já passava das seis da tarde quando regressámos ao hotel. Os pés já uivavam e o esqueleto rangia soçobrado pelo esforço de mais um dia de descobertas. Pelo caminho fomos abordados por empenhados angariadores que, de forma convincente, tentavam cativar espectadores para os vários concertos musicais da incomensurável carteira de ofertas. Desde *La Traviata*, de Verdi, ao *Requiem*, de Mozart, o leque de escolhas é infindável.

Ao jantar comemos uma sopa de almôndegas, guarnecida com juliana de cenoura e aipo. Veio depois uma generosa fatia da carne assada, acompanhada com batatas fritas em palitos e feijão verde cozido ao vapor. A sobremesa, bem, a sobremesa foi a surpresa da noite! Nada mais, nada menos do que uma salada de alface, tomate e pepino levemente acidulada por um discreto molho. Escusado será dizer que levantou um coro de protestos, em surdina é certo! Pode lá ser uma salada de sobremesa? Mas comeu-se! Mesmo quem mais protestou, não consta que tenha deixado os pratos vazios. Para despedida, uma vez que era a última noite na cidade, fomos até à *Staroměstské Dam*, que é como quem diz, à *Praça da Cidade Velha*. Tínhamos algumas moedas que queríamos *despachar* e, assim sendo, fomos caminhando em busca de algo. Comprável ou comestível! ... Subimos até à *Praça Venceslau – Václavské Náměstí*, onde

calmamente fomos apreciando as *figurinhas* que por ali *borboletavam*. Os ingleses, o grosso da coluna dos turistas, deslocavam-se em bandos de mancebos. E diríamos que em grupos temáticos, como se fossem *manadas* de estudantes finalistas. Desde a trupe de pseudo médicos, de bata branca e estetoscópio ao pescoço e sustentáculo de penteado enfeitado por encarapinhadas perucas negras, a um ruidoso grupo havaiano trajando coloridas camisas e calções pelo joelho. Era Sábado à noite e a cidade fervilhava de agitação. À porta dos *night clubs*, hercúleos seguranças observavam atentamente os candidatos a clientes, enquanto esculturais raparigas ondulavam os corpos em pequenos palcos improvisados à porta, atiçando os mais inflamados sentidos. Os restaurantes mais chiques da praça estavam a abarrotar. Como o *Hot*, do mesmo grupo do *Barock* onde de manhã tínhamos estado. O *cocktail* de cheiros emprestava à noite um odor muito especial. Assim como que uma mescla de iguarias gastronómicas com perfumes de *griffe!* Ao raiar das vinte e três, finalmente *espantámos* as moedas. Foi num *MacDonald's*, onde tomámos um *cappuccino* e comemos um *muffin* de chocolate. Como ainda havia algum *cascalho*, rematámos com um *sundae* de chocolate. E assim fizemos o *funeral* às moeditas. Descemos depois de volta à *Staroměstské Dam – Praça da Cidade Velha*, onde nos deixámos estar sentados num banco a apreciar as milhares de almas que por ali circulavam. Velhos, novos, gordos, magros, homens, mulheres, nativos e turistas. Como os japoneses que, mesmo à nossa frente, partilhavam uma grossa fatia de pão com uma salsicha, que *empurravam* com goladas de cerveja. Como o dia seguinte prometia ser mais um *chá de autocarro* que só iria terminar na capital da Baviera – Munique, ainda antes da meia-noite recolhemos ao quarto. Pelo caminho, ainda nos cruzámos com umas fogosas moçoilas, a quem apelidámos de *pink ladies*. Era um divertido grupo de jovens norte-americanas, bem dispostas, de mini-saia preta e *top* rosa choque com uma fotografia estampada na frente, quem sabe se da líder do bando. Para além da indumentária igual, ao pescoço traziam pendurados uns apitos de forma fálica cor-de-rosa, sendo que, uma delas tinha a cabeça enfeitada com uma bandolete com dois cintilantes e um tanto descomunais pénis. Antes de dormir, à primeira hora do novo dia, e, como não podia faltar, tomámos o nosso cafezinho com leite que acompanhámos com bolachinhas checas.

14 de Agosto, Domingo

Começámos a fazer o caminho de volta após o pequeno-almoço. Seguimos em direcção a *Plzen*, onde chegámos cerca de uma hora depois. Demos uma espreitadela à catedral, com a grande e pesada porta da entrada aberta, mas com uma grade de ferro a proteger o interior que apenas pudemos observar de longe. Como era Domingo de manhã e ainda bem cedo, ao redor da praça da catedral os poucos estabelecimentos existentes ainda estavam encerrados. Valeu-nos o *Hotel Central*, por duas razões.

Primeiro, porque estava aberto, segundo porque aceitava euros, o que possibilitou que tomássemos um *cappuccino*, requintadamente servido com um quadradinho de chocolate e uma bolacha, ao lado dos quais vinha uma pequena embalagem de plástico com um *dedalzinho* de leite. Prosseguimos a viagem e, ao raiar das onze e meia, parámos pela última vez em território checo. A pouco mais de cem quilómetros de Munique almoçámos numa área de serviço de nome *Rasthaus Pentling*, no meio de um frondoso bosque. Na zona da cafetaria, para onde nos dirigimos ao invés dos nossos esfaimados companheiros, escolhemos duas aparentemente deliciosas sanduíches, cujos nomes, obviamente, nada nos diziam. Aqui *foram mesmo os olhos que comeram primeiro*. Uma delas tinha o nome de *ciabatta*, era grande e de pão branco recheada com manteiga, queijo, paio ou salpicão e folhas de alface. A outra, de nome mais assustador – *leberkäszopt* – era uma elaborada trança de massa escura por fora e miolo branco, guarnecida com fatias de carnes frias, que nos pareceu ser salame ou uma espécie de mortadela, também com alface. Tinha a particularidade de estar salpicada de grãos de sal, o que nos obrigou a comprar uma garrafa de *Evian*. Com a merenda no regaço fomos sentar-nos num banco. Enquanto *piquenicávamos* fomos apreciando um bando de alemães trajados a rigor, que nos pareceu pertencerem a um grupo folclórico ou etnográfico. Pouco passava das duas da tarde quando retomámos o caminho, não sem antes termos ido à ultra sofisticada casa de banho do local. Tão chique que, para lá entrarmos, tivemos que desembolsar cinquenta cêntimos. Isto só para abrir o torniquete que nos franqueia o acesso a troco de um pequeno talão. Este, no verso e em letras bem diminutas, para não dizer quase ilegíveis, tem a indicação que, contra a sua apresentação no restaurante adjacente, o seu valor é automaticamente descontado no valor da refeição. No entanto, e aí é que está o truque, para não dizer *marosca*, quem se dá ao trabalho de o ler? Não certamente quem, em viagem, pára esporadicamente para ir satisfazer uma qualquer necessidade fisiológica. Enfim, são condicionantes e vicissitudes imperiosas da vida de turista, que ninguém disse ser fácil.

Chegámos a Munique por volta das cinco da tarde. Como ainda era cedo, depois de colocarmos as malas no hotel, a nossa guia disponibilizou-se para nos levar até *Marienplatz*, coração da cidade e praça onde se situa a Câmara Municipal, belíssima e com uma extraordinária fachada, onde se vê um grandioso relógio à imagem e semelhança do de Praga. Também este possui várias figuras que se movimentam ao bater de determinadas horas. Como o tempo estava frescote – quinze graus centígrados – vinha mesmo a calhar um quentinho *cappuccino*. Soube-nos *pelas almas!* Dali fomos até à catedral, branca e pouco decorada, que não pudemos ver bem porquanto decorria uma missa. Fomos depois até à *Igreja de São Miguel – Michaelskirche*, construída no século XVI e tida como a maior igreja jesuíta a norte dos Alpes. Situa-se bem no coração da cidade, em *Neuhauser Strasse*, e exhibe uma decoração mais rica que,

contudo, pouco pudemos apreciar uma vez que também ali decorria um serviço religioso. Já cá fora, detivemo-nos na fachada a apreciar a enigmática estátua de S. Miguel que enfrenta uma maléfica figura que jaz por terra. O monstro, de cascos fendidos, possui membros superiores que terminam em afiadas garras ou unhas. Das costas saem umas diabólicas asas e o rabo mais não é do que uma mefistofélica cauda. A carranca, horrível e medonha, tem estampado um esgar de dor e raiva. A chuva resolveu fazer-nos uma desagradável surpresa e vai de cair a cântaros sobre os nossos desprevenidos costados. Abrigámo-nos nas arcadas de um edifício e esperámos que a intempérie passasse ou, no mínimo, abrandasse um pouco e permitisse que nos fizéssemos ao caminho. Felizmente foi o que aconteceu! Como ainda havia tempo até ao jantar, fomos até à Estação dos Caminhos-de-Ferro. Imponente, majestosa, limpa e bem cuidada, tem no seu interior todo o tipo de lojas. Desde quiosques com jornais e revistas a um sem número de pequenos restaurantes de variadas gastronomias, desde simples frangos assados a petiscos árabes. Sem esquecer as frutas e os sumos. Dali ao hotel foi um pulinho, mas ainda houve tempo para apreciar as dezenas de transeuntes que por nós passavam. As lojas exibiam todo o tipo de iguarias, doces e salgadas, emprestando ao ar um adocicado aroma que se mistura com o almiscarado cheiro dos perfumes das bem arrançadas senhoras e das brilhantinas que besuntam os cabelos dos homens mais ciosos da sua preciosa imagem.

Às vinte horas descemos para jantar e vimos a agradável surpresa que nos estava reservada. Era *buffet* e tinha esparramadas, numa enorme mesa, todo o tipo de coloridas iguarias. Para entrada compusemos uma salada com milho, cogumelos assados inteiros, polvo, camarões, lulas e outros frutos do mar cozidos e marinados, cenoura ralada e temperada com um molho agridoce e pequenas malaguetas recheadas. Ingredientes escolhidos por entre a parafernália lista de opções de entradas e pratos frios. Os pratos quentes à disposição eram dois, um de peito de frango recheado com uma espécie de puré esverdeado, que acompanhava com *nhoques*, e outro de filetes de peixe gratinados guarnecidos com batatas cozidas. Ainda uma terrina de legumes cozidos ao vapor, onde se viam espargos verdes, ervilhas, cenouras e couve-flor. Quanto às sobremesas, só visto! Pequenos quadradinhos de bolo com um sem número de deliciosos recheios e coberturas, bolos de chocolate, pequenas bolas de Berlim, quadrados de semi-frios de frutos vermelhos intercalados com bolo de chocolate, mousses diversas, para não falar da fruta. Bananas, pêssegos e monumentais uvas verdes. Uma fartazana! Depois de tão requintado banquete, resolvemos aventurar-nos e explorar um pouco a zona circundante. De tarde havíamos visto um palco instalado, para aquilo que presumimos seria um espectáculo evocativo da paz ou de índole religiosa, e onde uma equipa técnica fazia o *sound check*. Resolvemos ir até lá. Descemos a *Bayerstrasse* e, cem metros mais abaixo, virámos à direita. Constatámos

que era uma rua onde não faltavam *sex-shops* e bares com *shows* eróticos e de *streap-tease* feminino. Voltámos depois para trás, novamente para a *Bayerstrasse*, para depois seguirmos até *Marienplatz*. Pelo menos assim julgávamos. Como estávamos enganados! Não tínhamos andado ainda cinquenta metros quando uma diluviana chuva desaba sobre nós, encharcando-nos até aos ossos. Chapinhando pelo passeio, procurámos refúgio ao lado do tal palco, onde espreitámos o dito espectáculo. Mas não por muito tempo, por via da copiosa chuva que caía a rodos. Como se isso não bastasse, era desagradavelmente fria, uma vez que a temperatura havia descido consideravelmente. Perante este cenário, não tivemos alternativa senão voltar para trás ensofados e enregelados. Fomos para um café que tínhamos *catrapiscado* à tarde, e onde os nossos olhos tinham ficado numas obesas fatias de bolos recheados com desconcertantes cremes. Saboreámos então um *cappuccino* em chávena grande – *grosse* – que nos aqueceu e reconfortou as almas e os corpos. Quanto aos bolos, depois do jantar que tivemos já *não havia barriga* para eles. Deixámo-nos estar no *Belíssimo Coffee & Ice*, assim se chamava o *tasco*, e fomos apreciando os clientes que se iam deliciando com as avantajadas taças de enfeitadíssimos e guarnecidíssimos gelados ou com as generosas fatias de bolo que depois eram *maquilhadas* com montículos de natas batidas e molhos de chocolate e frutos vermelhos. Voltámos ao hotel ainda antes da meia-noite. Como não podia deixar de ser, lá bebemos o nosso cafezinho com leite e comemos as nossas bolachinhas antes de irmos dormir, o que nunca acontecia antes da uma ou duas da manhã. O dia seguinte, mais um de regresso *às berças*, levar-nos-ia até Milão, não sem antes passarmos pela Suíça e pelo Liechtenstein. Era mais uma experiência!

15 de Agosto, Segunda-Feira

Depois de um rico e variado pequeno-almoço seguimos viagem para um dia que, no dizer da nossa guia, seria *muito internacional*. Íamos para Itália, mas, para lá chegar, tínhamos primeiro que atravessar a Alemanha, depois a Áustria, a seguir o pequeno principado do Liechtenstein, a que se seguia a Suíça, e só depois território transalpino. Uma vez que estava previsto o almoço ser em território helvético, e como não estávamos interessados em trocar euros por francos suíços, aquando da paragem da manhã, em território austríaco, resolvemos comprar *farnel*. Uma sanduíche triangular, de tamanho *king size*, bem recheada de queijo, manteiga, paio, alface e pepino, com o prosaico nome de *Lebensmittel*, quase à laia de uma vulgar *pizza*, mas coberta de sementes de papoila. Comprámos também uma garrafa de água e, para fechar com chave de ouro, uma tablete de chocolate com recheio de pistáchio, aparentada com os deliciosos *Mozartkugeln*, mas apelidada de *Mozartriegel*. Antes de partirmos ainda tomámos um café expresso, pintalgado com um dedalzinho de leite. Todas as

empregadas do estabelecimento se encontravam vestidas a rigor, com típico traje austríaco composto por saia de alças com peitilho xadrez verde e branco e blusa branca de manga curta e tufada. Fizemo-nos à estrada com chuva intensa e um frio quase gélido. Valeu a paisagem montanhosa, tingida de várias tonalidades de verde. O Liechtenstein mais não é do que a continuação da paisagem anterior, uma vez que se encontra *encravado* entre a Áustria e a Suíça. As casas são baixas, com menos de três pisos e muitas de madeira, em cujas fachadas ondulam rectangulares bandeiras de cor azul e vermelha com uma coroa estampada. Depois de uma breve paragem, onde comprámos chocolates suíços numa loja de chineses uma vez que nos aceitaram euros, deixámos Vaduz, a capital do pequeno principado, sob uma intensa chuva que nunca nos abandonou durante a curta estadia de meia hora. Ainda espreitámos o palácio real, encarrapitado no alto de uma íngreme montanha e rodeado de andaimes que indicavam obras. Por terras suíças comemos a nossa merenda, e voltámos a seguir viagem sob uma quase torrencial chuva que teimava em não nos largar. À nossa volta o cenário era deslumbrante, contudo medonho. Montanhas de cumes aureolados de nuvens, ou nevoeiro, em cujas encostas inúmeras casinhas de cores claras parecem emergir dos verdes prados, estes parecendo estar atapetados a veludo e pintalgados de lagos e rios que se precipitam pelas gargantas e desfiladeiros. Tão grande beleza só pode causar frenesim nos fotógrafos e cineastas presentes, que arriscam acrobáticas posições para captar os melhores ângulos. Às quatro da tarde atravessámos os quase oito quilómetros do claustrofóbico *Túnel de São Bernardino* e admirámos o lugarejo com o mesmo nome à nossa esquerda. Estávamos agora a cerca de cento e cinquenta quilómetros de Milão e os picos montanhosos coroados de nuvens que há pouco pareciam estar ao alcançar da mão, estão agora bem acima das nossas cabeças. É que, se antes subíamos, estávamos agora a descer pelas montanhas entrecortadas por inúmeros túneis.

O relógio marcava cinco da tarde quando passámos por Lugano, com o seu homónimo lago. Antes havíamos visto, ainda que mais ao longe, o *Lago Maggiore*, por onde já andámos em tempos e onde, inclusive, já fizemos um cruzeiro. Estávamos às portas de Itália, por onde entrámos pela fronteira de *Chiasso*. Era o quinto país que hoje visitávamos. Às dezanove horas estávamos em frente à catedral de Milão – *Il Duomo*, àquela hora já encerrada. Ainda em restauro, mantém a fachada coberta por andaimes e telas de protecção. Por aqui é notória a presença da polícia e dos *carabinieri*¹⁰. Fortemente armados, com *olhar de linçe* perscrutavam a praça em busca do que só eles sabiam!... O tempo disponível para passear era diminuto, uma vez que tínhamos hora marcada para regressar ao autocarro que nos levaria ao hotel por sinal bem longe do centro da cidade. Assim sendo, caminhámos para a esquerda e entrámos nas *Galerias*

¹⁰ Força policial italiana.

Vittorio Emanuele, para sairmos mesmo em frente ao famosíssimo *Teatro Alla Scalla* que, mesmo à frente, tem uma estátua do agora redescoberto *Da Vinci*.

Vimo-nos gregos para chegar ao hotel, encravado numa estranhíssima zona por onde passava uma espécie de rio por um canal, cuja localização nem sequer conseguimos descortinar no mapa. Pelo ar das criaturas e espécimes que por nós passavam nas imediações do hotel, ficámos desconfiados de que era muito procurado por nipónicos. Já jantámos tarde, depois das vinte e uma. Serviram-nos o tal *arroz doce salgado*(?!), que é como quem diz, uma espécie de *risotto*. Já o tínhamos comido em Nápoles e Como. Este, contudo, até nem estava nada de especial uma vez que estava empapado. Também não sabemos quanto tempo esteve à espera que lhe *deitássemos o dente*, uma vez que já chegámos muito tarde, se calhar muito para além da hora estipulada para o jantar. Mas comeu-se! Veio depois uma espécie de linguado grelhado, acompanhado com feijão verde cozido ao vapor e cenouras bebé cozinhadas da mesma forma. Enquanto comíamos fomo-nos apercebendo que, em cada mesa, ia sendo colocado um prato com fatias de queijo e de fiambre. Foi diferente! Também, depois da salada que nos foi servida em Praga como sobremesa, já nada era de espantar! Como remate da refeição deram-nos uma fatia de tarte de ananás. Depois do jantar fomos passear pela zona do hotel. Curiosamente tinha agora outro encanto. O ar *rasca* do fim de tarde havia dado lugar a uma desmedida animação, com dezenas de vendedores ambulantes que expunham a sua mercadoria. Negros e indianos, na sua maioria, apregoavam todo o tipo de produtos, notoriamente provenientes da contrafacção. Malas, sacos e mochilas *Louis Vuitton*, *Burberry*, *Prada* e *Guggi* não faltavam. Quando se perguntava o preço de determinado produto, acto contínuo o solícito vendedor pede ao cliente que faça ele próprio uma oferta, alusiva ao preço que pretende pagar pela mercadoria. Geram-se, assim, autênticos diálogos surrealistas. Outros, ainda, pegam numa pequena máquina de calcular e expõem, no respectivo visor, o montante que pretendem pedir, questionando logo quanto o cliente está disposto a pagar. Lá seguimos o nosso périplo, agora por entre apinhados restaurantes, bares, pizzarias, *pubs* e gelatarias. Numa destas, deliciámo-nos com um monumental gelado de quatro bolas e outros tantos sabores – *tiramissu*, chocolate, *stracciatela* e menta. Antes de dormir, ao redor das duas da matina, ainda tomámos o incontornável cafezinho com leite acompanhado com bolachas de chocolate e fibras, já compradas em território italiano.

16 de Agosto, Terça-Feira

Sáimos logo após o pequeno-almoço, voltando a território francês. Hora e meia depois já estávamos à beira do mar da *Ligúria*, com Génova à esquerda. Prosseguimos pela imensidão de túneis que rasgam a serra, que alguém se atreveu a ir contando e disse serem para cima de cem. Seguimos pela Riviera até à fronteira de *Vintimiglia*. Antes de

a transpormos, ainda tomámos um suculento *cappuccino* numa área de serviço algures por aquelas paragens e presenciámos uma cena digna de um filme de *Ettore Scolla*. Quando fomos à casa-de-banho, demos de caras com uma mal-humorada e franzina italiana, com não mais de metro e meio, que vestia uma bata que deixava antever as pelancas dos já enrugados e encarquilhados braços. De mal com a vida, encaminhava o mulherio para os sanitários que iam vagando. Tal é a pressa que a move que, em quase êxtase berra *destra, destra* e empurra-nos directamente para os braços de uma pobre viajante que, descansadamente – pensava ela – aliviava a bexiga e vê entrar porta dentro outra atarantada fêmea em ânsias de alívio!... Enfim, acidentes de percurso e vicissitudes de turista. Antes da uma da tarde parámos em Nice, para almoçar e visitar, ainda que por pouco tempo, a cosmopolita capital da *Côte d'Azur*. Decidimos comer logo, para depois aproveitarmos melhor o pouco tempo disponível. Parámos num pequeno bar que, pelo nome – *Dolce Vita* – e sotaque de quem nos atendeu, quase garantimos ser de italianos. Comemos uma sanduíche de frango com pimentos, cogumelos e tomate, que acompanhámos com um sumo de laranja natural bem fresquinho. Para concluir tragámos uma fatia de bolo de chocolate com nozes – *tarte de chocolat aux noisettes*. Fomos depois até à beira-mar espreitar as pedregosas praias apinhadas de veraneantes. O mar, calmo e sereno, exibia duas magníficas tonalidades de azul. Clarinho e transparente à beira e mais escuro para o interior, quiçá por via da profundidade. Antes de seguirmos viagem ainda tomámos um café no *Le Parasol*, um pequeno café com ar condicionado para onde fugimos à canícula.

De volta à estrada prosseguimos pelo coração da *Provence*, terra de cigarras e aromáticas ervas, das quais a lavanda é a filha mais pródiga. Também daqui é característico o *Mistral*, o tal vento que chega a soprar nove ou mais dias consecutivos. Só no final da tarde pudemos tomar o incontornável *cappuccino*, numa das últimas paragens antes do destino que levávamos – Nîmes – onde chegámos por volta das seis da tarde. Uma vez que o hotel ficava fora do perímetro citadino, foi-nos dado tempo livre para que apreciássemos, pelo menos, uma parte da cidade velha. Ficámos junto à arena, onde em tempos tínhamos tirado uma fotografia junto à estátua de um toureiro que havia nas imediações. *Havia*, porque já não há! Ao que apurámos, foi retirado por causa de uma contestação às touradas. Demos depois uma volta de autocarro pela cidade, principalmente para vermos a *Maison Carré*, uma edificação romana quadrada, com colunas, que, ao que dizem, terá inspirado Napoleão aquando da construção da *Igreja da Madalena*, em Paris, de facto muito semelhante. Espreitámos ainda a fachada da *Igreja de Santa Perpétua*, já fechada àquela hora. Seguimos depois para o hotel, um dos mais fracos de todo o circuito.

Jantámos às vinte horas e, como entrada, serviram-nos uma tira de massa folhada recheada com *paté*, transformada, deste modo, num escancarado *vol-au-vent*.

Veio depois uma coroa de arroz branco polvilhado com cebolinho, em cujo centro jazia um montículo de pedaços de carne de vaca estufada com cogumelos laminados e cebolinhas, envoltos num amarelado molho que nos pareceu ser da família do fricassé. Para sobremesa deram-nos uma espécie de bolacha em forma de bolo. Como estávamos bem longe do centro resolvemos caminhar pelos arredores, onde havíamos visto um estádio de futebol. Presumimos que fosse do clube local, cujo nome estava estampado na fachada – *Nîmes Olympique*. O movimento de gentes indiciava o fim do desafio e acalorados adeptos dirigiam-se para a loja do estádio, onde compravam de tudo um pouco. Principalmente bonés e *t'shirts*. Voltámos para o hotel e, à falta de *cappuccino*, contentámo-nos com uma *coca-cola light* num apinhado de adeptos desportivos *MacDonald's*. Antes de entrar no hotel presenciámos uma cena que nos deixou sem fala. Então não é que a nossa *beg lady* estava a *fuçar* no lixo, em busca do que só ela sabe? E mais: tinha nas mãos uma embalagem de plástico transparente, que nos pareceu estar a despejar. O que seria? Mistério! Lá nos recolhemos e, enquanto degustávamos o cafezinho com as bolachinhas, íamos discernindo sobre o que estaria a enigmática criatura a fazer nos contentores. Mas a duvida persistiu. E persiste ainda hoje!

17 de Agosto, Quarta-Feira

Sáimos depois do pequeno-almoço. Íamos agora para território espanhol. Avançámos pela região de *Perpignan* no sentido da Catalunha, primeiro a francesa e depois a espanhola. Já com os Pirinéus orientais à nossa vista, não foi fácil cruzar a fronteira entupida por largas dezenas de viaturas de todos os tipos, que apenas nos permitiam avançar a *passo de tartaruga*. Enquanto esperávamos no lado francês, íamos apreciando o trabalho de dois atarefados machos, que suspeitámos serem agentes policiais à paisana, identificados apenas com uma braçadeira fluorescente alaranjada. Atentos ao movimento das viaturas, observavam *com olho de lince* e particular minúcia todos os veículos, bem como os respectivos ocupantes que aguardavam para entrar em Espanha e segundo um critério que só eles conheciam e que a nós nos pareceu ser aleatório, uma vez que iam pedindo os documentos de identificação apenas aos ocupantes de uma ou outra viatura. Uma das escolhas que presenciámos recaiu sobre uma família aparentemente *normal*, que viajava numa carrinha verde. O único aspecto que nos pareceu ser *suspeito*(?!) foi o facto de viajarem *como sardinha em lata*, espartilhados uns contra os outros. Até o canídeo que os acompanhava ia prensado no meio de uns poucos. Por volta da uma da tarde parámos numa área de serviço para almoçar, já em território catalão. Como o variadíssimo *buffet* exposto não nos agradou, por via do seu untuoso aspecto, qualquer coisa como almôndegas, gaspacho e carnes e peixes de ar duvidoso, fomos para a zona da cafetaria. Aí escolhemos uma quadrada sanduíche de atum, tomate e pimentos, a que se seguiu uma bem aviada fatia de bolo de

chocolate recheado e coberto, muito semelhante à *sachertorte*. Até no nome – *Pastis Sacher*. Para *escorregar melhor*, bebemos uma água fresca – *aigua mineral* em bom catalão. Seguimos depois viagem, com céu encoberto e sem sol à vista. Pouco passava das seis da tarde quando Saragoça nos acolheu com um carrancudo céu cor de chumbo, ao som de alguns por enquanto distantes trovões. Fomos até à *Basílica de Nossa Senhora del Pilar*, que nos deixou esmagados perante tamanha beleza. Tem onze cúpulas e quatro torres e foi erigida no local onde se encontra a coluna sobre a qual a Virgem apareceu a Tiago¹¹ e que hoje se pode observar no interior. O pilar estava hoje coberto com um manto branco bordado. Como ali decorria uma missa continuámos discretamente a visita do templo, nomeadamente o belíssimo altar de alabastro no lado oposto à capela que acolhe a imagem da Virgem. Continuámos para a direita e, ao fundo, andaimes que indiciavam trabalhos de restauro.

Voltando novamente à direita, suspensas numa parede vimos duas bombas, que ficámos a saber terem sido despejadas sobre a basílica por altura da guerra civil espanhola – 1936-1939. No entanto, e certamente por intercessão de Maria, estas não explodiram e estão hoje expostas numa das paredes. Também observámos bandeiras de países hispânicos e ibéricos suspensas numa das paredes, entre as quais a de Portugal. Antes de sairmos ainda observámos um ritual que ainda hoje se processa junto à milagrosa imagem de *Nossa Senhora del Pilar*. Um pequeno rapazinho de não mais de nove ou dez anos, vestido de branco e vermelho, segura ao colo um bebé que leva junto da imagem da Virgem. Pouco depois segue-se uma criança já mais crescida, que é levada pela mão. São assim levadas, bem como os objectos religiosos dos crentes e peregrinos, para serem abençoados. Apenas estas diminutas criaturas o podem fazer. Fomos para o hotel que



¹¹ Segundo a lenda, na noite de 2 de Janeiro do ano 40, quando Tiago se encontrava com os discípulos junto ao rio Ebro, a mãe de Cristo apareceu-lhe sobre um pilar de mármore, em corpo e não sob a forma de visão. Pediu-lhe, então, que ali se erigisse um templo com o altar em torno do pilar.

dali pouco distava, já com grossas pingas de chuva que se precipitavam do cada vez mais negro céu.

Para jantar, e como entrada, serviram-nos um prato de enchidos onde se via presunto, salpicão, salsichão, salame, fiambre e *galantine*, acompanhados de pequenos croquetes de batata, tomate e espargos verdes cozidos. Veio depois carne assada, cortada em fatias finas e regadas com um apaladado molho castanho, servida com batatas fritas em rodelas grossas. O pão disposto nas mesas era rectangular e acachapado. Para sobremesa, veio uma fatia de pudim *flan* guarnecido com *chantilly*. Depois do jantar fomos dar uma volta até ao largo da basílica e passeámos depois por uma série de ruas paralelas. Como os enchidos do jantar pareciam ter ficado estacionados nos nossos pobres estômagos, vimo-nos obrigados a beber uma *coca-cola light* que tirámos de uma maquina a troco de uma moeda de euro. Antes de recolher ao hotel, literalmente corridos por uma chuvada que começava a varrer as ruas e quem lá se encontrava, secundada por sonoros trovões, ainda tivemos tempo para saborear um *cappuccino* guarnecido com natas batidas. Foi numa esplanada de nome *Festive*. Fomos dormir por volta da uma da manhã, claro está depois do nosso *midnight snack*. O dia seguinte era o último da passeata, e trazer-nos-ia de volta ao terceiro mundo...

18 de Agosto, Quinta-Feira

Depois de *aconchegarmos* o estômago com a primeira refeição do dia seguimos rumo a Guadalajara, a que se seguiriam os arredores de Madrid. Com pouco mais de uma hora de viagem, passámos por *Monasterio de Piedra*, o local que se diz ter servido de inspiração a Paulo Coelho para o seu livro *Nas Margens do Rio Piedra Sentei e Chorei*. Passavam três minutos das dez quando entrámos na província de *Castilla la Mancha*. O caminho era agora mais custoso. Era o *final da festa*, o final de doze dias de aventuras, descobertas, encontros com novas gentes e novas culturas. Acima de tudo com novas e *mais arejadas* mentalidades, nomeadamente no saber viver e saber estar. Antes das onze, algures numa planície não longe de Guadalajara e numa das últimas *paragens técnicas*, tomámos um café *cortado*. Que é como quem diz traçado com um *dedalzinho* de leite, que difere do vulgar café *solo* uma vez que é servido numa espécie de pequeno copo transparente. Continuando o penoso mas necessário e inevitável caminho de regresso, algures num lugarejo perdido no espaço e no tempo, parámos para almoçar. *Deitámos o dente* a uma rectangular sanduíche recheada com uma *tortilla*, que se havia dado por convidada quando escolhíamos o menu. Não nos arrependemos, uma vez que estava muito saborosa. Vinha acompanhada com pimentos morrones servidos numa travessinha, bem como umas batatas fritas às rodelas fininhas – *chips*. Antes de nos chegar às mãos, a pobre foi torturada numa tosteira, o que lhe deu um ar ainda mais chapado e compactado. Não admira, por isso,

que estivesse baptizada de *calentito tortilla*. Para desenjoar comemos uma fatia de tarte de queijo com morangos. Antes de entrar no autocarro, fomos surpreendidos por uma rocambolesca história que já vinha sendo ouvida em surdina há uns dias. Então não é que o nosso *farrusquito* companheiro de viagem estava a revelar-se um fervoroso *amigo do alheio*? Esta criatura era, de facto, estranhíssima, e parecia, por vezes, não dizer *coisa com coisa*. Numa das noites em que connosco jantou contou-nos mirabolantes histórias que não cabe aqui revelar, mas que nos deixaram *com a pulga atrás da orelha!*... Afinal parece que a figurinha, em tudo quanto foi sítio de paragem, meteu ao bolso um sem número de *tarecos e cacarecos*, tais como, pasme-se, vulgares gomas e rebuçadecos. Era, com efeito, uma quixotesca personagem. Não de cavaleiro, mas de *triste figura!*

Esta foi, sem sombra de dúvida, uma viagem pejada de historietas e caricaturas. A *beg lady* que *fuçava* em tudo quanto é sítio e *arrebanhava* milhentos papéis e lixarada e cujo saco laranja se provou ser destinado ao aprovisionamento de víveres, surripiados às escondidas durante as refeições incluídas. A *Barbara Cartland* de *trazer por casa* que se produzia toda para ir jantar. A matrona de *ventas cavaleares*, ou *mulheraça do bico* como lhe chamámos, face aos proeminentes beiços que ostentava e que, por certo, estava muito mal com a vida e, quem sabe, com ela própria. Por tudo e por nada e contra tudo e contra todos rosnava. Ainda o *velhadas Fellini* que filmava e fotografava tudo quanto mexia. Ou o *perna teca* que, a dada altura, insistia em querer abrir a porta de uma casa-de-banho que uma senhora tentava abrir, com o argumento de que *as senhoras não sabem dar à manivela(!?)*. Sem esquecer o *pica-miolos* que, tal como o *Nuno Rogeiro*, sabia de tudo e de tudo conhecia. Tudo, isto é, *quase* tudo! É que um dia, numa conversa com um vizinho do lado, revelou desconhecer *Frederico Fellini*. Simplesmente não sabia quem era(!?). Também a por nós chamada *bat lady*, uma *apatarecada* e octogenária *Barbie* que nunca se separou dos seus óculos escuros, fosse o dia mais solarengo ou a noite mais medonha e que para tudo dependia do seu académico consorte, habilitado com um intelectual doutoramento. Ficámos piamente convencidos que esta dependência não passava de mordomia de quase família real ou, como dizem os nossos irmãos do outro lado do Atlântico, *frescura!*... Quanto à guia, já dissemos que, este ano, a sorte esteve connosco. Primava pelo sóbrio e discreto bom gosto no vestir, simples, contudo senhora de uma grande *bagagem* cultural e expressava-se com uma óptima dicção e boas maneiras. Antes de regressar à *santa terrinha*, ainda fizemos uma última paragem em *Fuentes de Oñoro*, onde aliviámos mais um pouco as carteiras, já um tanto debilitadas ao fim de tanta farra. Pouco passava das seis da tarde quando demos por finda a segunda etapa destas já bem condimentadas férias. Seguia-se o terceiro episódio da saga, inteiramente *rodado* em Lisboa. Era pouco,

apenas dois dias para irmos em busca de pechinchas nos grandes antros do consumismo. Isto, claro está, aliado ao passeio.

PARTE III

DE VOLTA AO 3º MUNDO... SALDOS, VITAMINAS E BACOCOS! ...

19 de Agosto, Sexta-Feira

Como é bom estar de volta ao *terceiro mundo* e por ele viajar! Vamos agora para Lisboa e, na estação de Mangualde, depois de quase vinte minutos de espera, lá conseguimos comprar o bilhete para o *Intercidades*. Vendido pouco menos de cinco minutos antes de o comboio chegar, por um ensonado e pachorrento funcionário da *CP*, no único *guichet* aberto. Isto, enquanto cinco(!) outros colegas iam conversando tranquilamente, completamente alheios à enorme fila de passageiros que entretanto se foi formando. Quem sabe não estariam a antever a época *futebolista* que se avizinhava? Lá corremos para a plataforma e, como que por milagre, conseguimos apanhar o trem. O tal com serviço de quase *excelência*(?) apregoado aos quatro ventos. Não passava de uma quase decrépita estrutura, cujos bancos, estofados, é certo, tinham um ar enxovalhado e badalhoco. Se tinha climatização, como podia ler-se num aviso escarrapachado nas costas da cadeira da frente, esta nunca se fez sentir. Valeu-nos que, nesse dia, a canícula nada quis conosco. E as gentes, meu Deus? As gentes eram de fugir! Carrapito no alto do cocuruto, as fêmeas, farfalhudo e enzeitado bigode, os machos, artilhados de sacas, saquetas e malotes e atreladas criancinhas. A lotação estava esgotada, mas a composição não tinha mais de três ou quatro carruagens. Que diferença das terras de *nuestros hermanos*! Por lá havíamos andado há três semanas atrás e não havia, sequer, termos de comparação! Mesmo os comboios ditos *regionais* eram um espanto! Em aerodinamismo, em conforto e em limpeza. Estavam, definitivamente, a anos-luz do *cangalho* onde nos fazíamos transportar. Mas enfim, lá diz o velho ditado que *cada um tem o que merece*. Será? Neste só faltavam os *pitos*, os porcos e a demais *bicheza*, para cuidar que atravessávamos a América Latina. Quem não se lembra da *Joan Wilder*, personagem vivida pela *Kathleen Turner* em *Romancing the Stone – Em Busca da Esmeralda Perdida*? Era quase a mesma coisa, com a diferença: a *Juanita* viajava num *assucitado* autocarro e nós íamos de comboio. Mas a *fauna* era quase a mesma!

Lá seguimos para a capital do país que arde. Afinal, parece que não estávamos assim tão longe do cenário atrás descrito. Cinco minutos depois das dez, eis que nos irrompe pela carruagem uma mulheraça de bata, avental à cintura e *chanatas* da loja dos chineses, transportando uma enorme cesta de verga repleta de queijadas e pastéis de Tentúgal que apregoava com voz máscula. O corpanzil não lhe permitia movimentos

ligeiros, pelo que, entre duas apreço adelas, resfolegava e descansava a mercadoria. Só visto! Chegámos a Lisboa já passava do meio-dia, mas ainda demorou até chegarmos ao hotel, em pleno Marquês de Pombal. Fomos de metro e o percurso era longo. Senão vejamos: A estação do *Oriente* fica no fim da linha vermelha e nós tínhamos que ir para o *Marquês*. Assim, dali seguimos para a *Alameda*, passando pelas estações de *Cabo Ruivo*, *Olivais*, *Chelas*, *Bela Vista*, e *Olaías*. Depois na *Alameda* mudámos para a linha verde e seguimos até à *Baixa – Chiado*, para apanhar a linha azul. Passámos pelas estações de *Arroios*, *Anjos*, *Intendente*, *Martim Moniz* e *Rossio*. Na *Baixa – Chiado* entrámos na linha azul, que essa sim, nos levaria até ao *Marquês*. Não sem antes passarmos os *Restauradores* e a *Avenida*. Tudo isto leva tempo e os estômagos já se faziam ouvir. Fomos então almoçar por ali perto, numa cafetaria da Avenida da Liberdade. Comemos lasanha, bebemos água e, por fim, uma salada de frutas. Tínhamos pensado ir até ao *Freeport* de Alcochete. Algures num pequeno folheto publicitário disponibilizado no átrio do hotel, lemos que os transportes de autocarro para lá chegar se apanhavam na estação do Oriente. E lá fizemos o mesmo percurso da manhã, agora em sentido inverso. Depois de correremos tudo quanto é paragem, nada vislumbrámos. Já que estávamos por ali, decidimos começar o périplo *saldeiro* pelas lojas do centro comercial *Vasco da Gama*. E assim foi. Estas, contudo, estavam cheias de ofertas mas com poucos ou nenhuns clientes. Pasmese, em algumas lojas, eram mais os empregados do que os clientes. Como na *Zara*, por exemplo. Andámos nisto até ao fim da tarde, até que decidimos ir para o outro lado da cidade, para as Amoreiras. Lá foi mais outra odisseia pelas linhas do metro, pelo menos até ao *Marquês de Pombal* onde saímos. Depois subimos a pé, por entre as obras do celeberrimo túnel do Marquês, agora felizmente já em fase final de construção. Comemos no já nosso conhecido *Vitaminas & Companhia*, onde degustámos uma salada havaiana, que levava camarão, atum, massa *fusili* tricolor, cenoura ralada e ananás. Comemos depois uma salada de frutas, onde se via ananás, maçã, melão, kiwi e papaia. Demos depois uma volta pelo centro comercial, onde constatámos que, também ali, as lojas estavam quase *às moscas*, sendo que, algumas delas, estavam mesmo fechadas. Mesmo nos restaurantes abundavam as mesas vazias. Sinais da crise! Fomos cedo dormir, não sem antes mantermos a tradição da *ceia da meia-noite*. Do cafezinho com leite e das bolachinhas.

20 de Agosto, Sábado

Depois do pequeno-almoço rumámos a outro *altar do consumismo*. Íamos agora para o *Colombo*, mais perto e sem termos necessidade de andar a pulular pelas linhas do metro. Entrámos na estação do *Marquês*, a que se seguiram as do *Parque*, *São Sebastião*, *Praça de Espanha*, *Jardim Zoológico*, *Laranjeiras*, *Alto dos Moinhos* e finalmente *Colégio Militar/Luz*, onde saímos mesmo por baixo do centro comercial. Lá

andámos de loja em loja até à hora de almoço. Também por aqui vimos o mesmo cenário de penúria de clientes. Como tínhamos gostado, voltámos à salada havaiana, após o que saímos para as lojas da zona da baixa. Lá voltámos ao metro e fizemos o percurso em sentido contrário. Só que, depois do *Marquês*, ainda passámos pela *Avenida*, a que se seguiram os *Restauradores* e só depois a *Baixa – Chiado*. Dali fomos até ao *Espaço Chiado* onde, depois de termos coscuvilhado demoradamente a *FNAC*, resolvemos lanchar uma salada de frutas enquanto íamos apreciando as criaturas que nos faziam companhia. Os quatro góticos e soturnos adolescentes, vestidos de negro e envergando, um deles, uma grossa camisola de lã que quase nos sufocou. Como se isso não fosse já suficiente, ainda calçava uma luva na mão direita. Os dedos estavam carregados de anéis, três ou quatro em cada falange, que terminavam em tingidas de negro unhas. Suprema ironia, ao lado destas estranhas figuras estava um casal de velhotes, de aspecto boçal e quase provinciano, que dormia a sono solto. Ao lado uma gordalhufa loira, já em fase descendente, abanava as vermelhuscas carnes das faces com um leque. Apesar da hora, fim de tarde, muita gente ainda por ali comia. Uma simples sopa ou uma avantajada dose de *fast food*. Saímos para a Rua do Carmo, onde demos uma olhada aos saldos da loja da *Ana Salazar* com alguns preços convidativos. Fomos depois até ao Rossio e descemos pela Rua Augusta até à Praça do Comércio. Subimos depois pela Rua do Ouro até à Praça da Figueira e caminhámos pela rua que vai dar à Igreja de S. Domingos, mesmo ao lado do Teatro Nacional D. Maria II. Por estas bandas, dezenas de negros e mestiços envergando trajes e barretes típicos da crença islâmica, deixam-se estar em amena cavaqueira de final de tarde. Passámos depois pela Estação do Rossio, fechada desde o encerramento do túnel do Rossio para obras de restauro, e subimos até aos Restauradores. Fomos até ao *Parque Mayer*, para ver com os nossos próprios olhos até onde a incúria de alguns deixou chegar aquele local tão povoado de saborosas memórias. Vimos os teatros *Variedades*, *ABC* e *Maria Vitória*, este o último resistente e que tem em cena a revista *Arre Potter que é Demais!* Em estado de quase ruína está o *Capitólio*, outrora cenário de grandes noites de glória da nossa saudosa *Laura Alves*. Para só falar neste nome grande da nossa cultura. Por aqui vimos dezenas de gatos, curiosamente em coexistência muito pacífica com outras tantas pombas. Subimos depois a Avenida da Liberdade até ao Marquês de Pombal e recolhemos ao hotel para um pequeno descanso antes do último jantar na capital. Como não há duas sem três, voltámos ao reino das vitaminas. Desta vez comemos uma salada de ananás e camarão que, para além destes dois ingredientes, tinha milho, queijo e *fusili* tricolor. Como a sopa até tinha boa cara, provámos uma sopinha de legumes a que se seguiu uma saladita de frutas. Voltámos cedo para o hotel, já cansados de tanta espreitadela em lojas com saldos. O dia seguinte era o último das férias, destinado para o regresso a casa.

21 de Agosto, Domingo

Depois do pequeno-almoço apanhámos o metro para a estação do *Oriente* e lá fizemos todo aquele caminhão de estação em estação. Como ainda era cedo, guardámos as malas num cacifo e fomos dar uma última volta pelas lojas. Aproveitámos, também, para comprar o nosso almoço, uma vez que o comboio partia ao meio-dia e quatro. Comprámos uma baguete com uma pasta de delícias do mar e uma garrafa de água. À hora marcada lá embarcámos no nosso maravilhoso *Intercidades*. Era *primo* do que nos havia trazido e pode ser caracterizado do mesmo modo: velho, arcaico, obsoleto e encardido. Enfim, é a nossa sina de turista rasca!...

Ao raiar da uma, os nossos avantajados companheiros do lado ripam de uma *sandocha* guarnecida com um rechonchudo panado e enfeitada com alface, que abocanham e fazem escorregar melhor com uma lata de *Sagres* de meio litro. Esta, apenas repartida pelos dois machos mais velhos, já que a fêmea tem que contentar-se com água. O cenário envolvente é medonho. Árvores queimadas e retorcidas, para já não falar dos focos de incêndio que vão lavrando um pouco por todo o lado, como se um voraz monstro invisível tudo destruísse à sua passagem. Pois é, como se já não bastasse sermos um paíseco do terceiro mundo, ainda temos que gramar com a impunidade concedida àqueles que, por motivos mais ou menos escusos, vão incinerando por completo o património de todos nós. Às vezes, seria bom reflectirmos e perguntarmos por onde andam os homens e as mulheres que fizeram os *Descobrimientos*?

Por volta da uma e meia lá trincámos o nosso farnel. O pão ainda estava estaladiço e a tal pasta de delícias do mar até estava bem gostosa, com um ligeiro sabor a *pickles*. Depois de *picnicarmos*, calmamente embalados pelos solavancos do comboio, fizemos uma pequena sesta. Que foi mesmo muito pequena. É que fomos despertados pelo aroma das iguarias dos vizinhos do lado que, pouco mais de uma hora volvida, estavam na segunda rodada da merenda, que era agora uma verdadeira miscelânea. Uns comiam salsichas no pão e outros omeleta, tudo enfeitadinho com folhas de alface. E nem faltou a cervejola. Lá foi mais meia litrada, mas só para os machos latinos, qual deles o mais sexy(?).

Chegámos a Mangualde por volta das quinze e trinta. Era o fim final de mais um périplo cultural, entrecortado por caricatas cenas para tornar a *coisa* divertida. Foi bom, mas acabou-se! Tenhamos fé e não desanimemos.

Quem sabe para o ano não podemos repetir a façanha? Isto é, se houver *daquilo com que se compram os melões* e se a crise para nós não for *madrasta*.

Força e vontade não nos hão-de faltar e cá estaremos para, no mínimo, outros tantos vinte dias e vinte noites!...